





LIVRARIA ACADÉMICA  
J. GUEDES DA SILVA  
8, R. Mártires da Liberdade, 12  
PORTO — TELEFONE, 26988

*Chs  
Munich*

*Acquired with the assistance of the*

*Sophia Augusta Brown*

*Fund*

JOHN CARTER BROWN LIBRARY

2nd

R9K0

Ver Anas à

Indiano universalis

Reu si pueri de

1715 a 1822 de

Antonia de Alcantara

1715 a 1822

pp. 86

DOCTORS

J. J.  
8.  
P.



Je Bastoff

1885

...

LI  
J.  
8,  
P



# OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO.

T O M O I.

---

*Nova Edição.*

---



*Bont...*

RIO DE JANEIRO.

---

NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

---

*Com Licença de S. A. R.*

DO. ESTE

L. 8. P.

ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΕΛΕΥΘΕΡΙΑΣ

ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΕΛΕΥΘΕΡΙΑΣ

ΕΠΙΣΤΟΛΗ



ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΕΛΕΥΘΕΡΙΑΣ

ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΕΛΕΥΘΕΡΙΑΣ

ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΕΛΕΥΘΕΡΙΑΣ



OBRAS POETICAS  
DE GARCÃO.

SONETO I.

Quem de meus versos a lição procura,  
Os farpões nunca vio de Amor insano,  
Nem sabe quanto custa hum vil engano  
Traçado pela mão da Formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,  
Fuja de ouvir contar tamanho dano,  
Que a desabrida voz do Desengano  
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha de chorar, vendo patente  
Em tão funesta, e lagrimosa scena  
O cadafalso infame, e sanguinoso.

Verá levado á morte hum innocente:  
E condemnado a vergonhosa pena  
O mais fiel amor, mais generoso.

A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão  
e Vasconcellos.

## SONETO II.

**L**Utando com mil sustos, mil pezares,  
Com desprezos, enganos, e rigores,  
A teu rosto gentil, olhos traidores,  
Templos lhe consagrei ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a máres  
Degollavão as victimas Amores:  
Ara cruel! suspiros, mágoas, dores  
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marilia de mudar-te o dia;  
Têas, sécure, pyra, vasos, fogo  
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triunfou, triunfou a tyrannia,  
Mas a pesar do altivo desafogo  
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

## SONETO III.

**E**M magnifica scena a fantasia,  
Entre festões de estrellas radiantes,  
Teus angelicos olhos triunfantes,  
Gentil Marilia, me mostrou hum dia.

O Sol de teus cabellos se esparsia,  
Por columnas, e frisos rutilantes;  
Aos pedestaes atados mil Amantes,  
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,  
Voavão Esperanças, e Desejos,  
Co' as Graças abraçadas, c' os Amores;

Mas retinindo hum silvo, de repente  
A cortina cahio; males sobejos!  
Só mágoas vi depois, só vi temores.

A ii

## SONETO IV.

**O**S antigos Poetas fabulando  
Inspirados por Deoses se fingirão ,  
Com o Olympto sonhárão , e mentirão  
A falsos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando  
Ver Eliza outra vez lhe permittirão ;  
E humas sombras , que ávidas o virão ,  
Memorárão o caso miserando.

Para honrar de seu cãnto a melodia ,  
Procurárão desta arte engrandecella ,  
E quasi forão tidos por divinos :

Eu mais fama darei á Poesia ,  
Se hum instante sonhar , Marilia bella ,  
Que são dos olhos teus meus versos dinos.

*A' mesma Senhora.*

## SONETO V.

**C**Antar Marilia ouvi tão docemente,  
Que o coração, prostrados os sentidos,  
Imaginou, que até pelos ouvidos  
Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,  
Quaes entrão n' alma os olhos seus movidos  
Com formoso desdem, quando rendidos  
Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,  
Que no peito em triunfo campeava,  
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,  
Se era vella, ou ouvilla não sabia,  
Dei que os novos grilhões não estranhava.

*A' mesma Senhora.*

## SONETO VI.

**S**E eu soubera, Marilia, que vivia  
O doce Amor nos olhos teus formosos,  
Em meus sublimes versos numerosos  
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co' a força da harmonia,  
Dos ingremes outeiros pedregosos,  
As altas faias, álamos frondosos  
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vans fábulas invento,  
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,  
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, senão me engana o pensamento,  
Farei que o Mundo todo namorado,  
Qual, fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

SONETO VIII

Cheios de espessa nevoa os Horizontes  
Espantosas voragens vem sahindo !  
Foi-se o Sol entre nuvens encubriendo ,  
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos Montes ,  
Os incautos Pastores aturdindo ;  
E engrossados os Rios vão cubrindo  
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho estampido pavorosos  
Os longos écos dos trovões soando ,  
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva ; correm sussurrando  
Os torcidos regatos vagarosos ;  
Não me atrevo a sahir , fico jogando.

OBRAS POÉTICAS

SONETO VIII.

**S**E, Beliza gentil, pudéra crer-te  
Exposto a todo o mal, todo o tormento,  
Esperára, voando o pensamento,  
Com suspiros, e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, em fim, render-te  
Sem a pena temer do atrevimento,  
Pois para ter desculpa o meu intento,  
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,  
De desprezos, traições, e tyrannias,  
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem á luz de teu sereno rosto,  
Com que meus triste olhos alumias,  
Posso crer que te vejo, se te vejo.



SONETO IX.

**A**O som da Fonte-santa, que corria  
 N' alva borda do tanque debruçado,  
 De cansados desejos, já cansado,  
 O triste Coridon adormecia :

Em doce sonho imaginando via  
 De Beliza gentil o rosto amado,  
 Que na trêmula vêa retratado  
 Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,  
 Em vão aperta a limpida corrente,  
 Em vão lhe está com lagrimas dizendo :

Se folgas de que morra hum innocente,  
 Porque foges de mim, Ninfa, sabendo  
 Que Amor me mata, quando estás presente ?

## SONETO X.

Qual a mansa Novilha, que innocente  
Pelas pontas de louros enramada  
A duro sacrificio vai puxada,  
Sem temer a secure reluzente:

Só conhece que morrê, quando sente  
O frio gume na cervís cravada,  
Então; mas tarde já, desenganada,  
Ao Ceo se queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos  
Voão meus rudes innocentes versos,  
Sem merecer desprezos, nem rigores;

Quando os virem porém ensurdecidos,  
Quando forem pizados, e dispersos,  
Debalde espalharão tristes clamores.

*A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyão.*

## SONETO XI.

**A** Mor, que mil cilladas me traçava  
Lá de trás de huma verde gelozia,  
Com huns pequenos olhos me feria,  
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a fréxa, que voava,  
Já roto o pobre coração sentia;  
E o sangue, que das vêas me corria,  
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo  
Arrancar da ferida os passadores;  
Cravados dentro n'alma me ficárão,

E desde então, que sempre os olhos vejo,  
Esses olhos pequenos, e traidores,  
Que para me matar, me não matárão.

*A' Senhora D. Elena Filipa Xavier Navarra.*

## SONETO XII.

**C**o'ntigo, Lydia, morão os Amores,  
 Morão as Graças, Lydia na verdade,  
 Que no reino de Amor a liberdade  
 Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,  
 Amor as armas tem na claridade;  
 Como ha de voar livre huma vontade  
 Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguém solto se vê, se chega a ver-te;  
 Por mais livre que traga o pensamento,  
 Ha de amar-te, servir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento;  
 Pois inda que quizerá não querer-te,  
 Nunca livre me víra, nunca izento.

## SONETO XIII.

**E** Spargindo dourados resplendores  
De teus annos, angelica Maria,  
Nasce o ditoso, o suspirado dia,  
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores,  
Em sinal de prazer, e de alegria,  
Das frastas alternando a melodia  
Trávão corêas Ninfas, e Pastores.

Pelas concavas fragas retinnindo  
O brando som de versos sonorosos  
Teu nome estão os montes repetindo.

E os Satyros campestres cobiçosos  
De ver os olhos teus, teu gésto lindo,  
Se pendurão dos álamos frondosos.

## SONETO XIV.

**A**Migo Frei Joaquim, assim te eu veja  
Vigario de Pondá, ou Taprobana,  
Assim voltes a barra Tagitana,  
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,  
Que farto de charão, e porçolana,  
Tragas veste, calção de linha Ousana,  
Por Soli-Deo na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n' um camêlo  
Arrastando as gualdrapas pela rua,  
Passees por Lisboa a passapello.

Assim digas, assim por vida tua,  
A quem sabes que adoro com disvelo,  
Que est' alma dantes minha; agora he sua.

Aos Annos do Coronel de Artilharia Frederico

Weinholtz.

SONETO XV.

Com soquete, lanada, e bota-fogo  
 Armado vi Amor; tinha assestados  
 Em platafórma cem canhões dourados,  
 Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo.

No serviço cruel, sem desaforo,  
 Fervião seus alígeros soldados,  
 As balas erão olhos magoados,  
 O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos danos,  
 Que he isto? lhes bradei, Moços traidores?  
 Surrindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gésto lindo, q' aos ardores  
 De Filis se rendeo, hoje faz annos,  
 Tão bom dia festejão os Amores.

## SONETO XVI.

**O** Louro Chá no Bûle fumegando  
De Mandarins, e Brâmenes cercado ;  
Brilhante açucar em torrões cortado ;  
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando ;  
Ruiva manteiga em prato mui lavado ;  
O gado feminino rebanhado ,  
E o pisco Ganimedes apalando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos ,  
Só falta que tu queiras, meu Sarmento ,  
Com teus discretos ditos alegrar-nos :

Se vens, ou caia chuva ou brame o vento ,  
Não pôde a longa noite enfastiar-nos ,  
Antes tudo será contentamento.



## SONETO XVII.

**D**epois de atar o pobre barco Algido,  
Algido pescador do Tejo undoso,  
Em quanto o bravo Noto procelloso  
Revolve as negras ondas insoffrido:

Entre limosas lagens recolhido,  
De Dinamene o nome saudoso  
Na liza boia de hum Chinchorro algoso,  
Suspirando entalhou co'anzol torcido:

Depois tres vezes o beijou, dizendo:  
Quaes serenão teus olhos meus pezares,  
Teu nome o mar serene: e ao mar o lança;

Súbito o Ceo azul se ficou vendo;  
Desfaz-se a branca escuma pelos máres;  
Adormecem os ventos em bonança.

## SONETO XVIII.

**V**Ejo na vasta scena do futuro  
Do tragico Destino a face acceza!  
E de Espectros cobrir a redondeza  
O nebuloso Ceo, o Pólo escuro.

Rasgar-me o peito, e coração figuro  
Da torpe Inveja a barbara fereza:  
Da fome crua, esqualida pobreza  
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constancia, e soffrimento;  
Monstros feros, Cerastes assanhando,  
Paciencia, e valor poem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando  
Se ceva, e nutre o meu entendimento  
Do espectáculo fêo, e miserando.

## SONETO XIX.

**N**'Uma sonora roda, que girando,  
Desmancha de seus raios a figura,  
Com delicada mão de neve pura  
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando  
Co' a doce boca de rubim procura;  
Mas Amor, que cilladas aventura  
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados sobre as azas meus Desejos  
O Capitão ousado vão seguindo  
Thé que a molhar ô fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubárão-lhe mil beijos:  
Vê o triste os ladrões ir já fugindo,  
E pede-me que o furto lhe entregasse.

## SONETO XX.

**A**O brilhante poder do santo fogo  
De teus formosos olhos vencedores,  
Que do suave Tyrse são senhores,  
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rôgo,  
Se podem commover-te meus clamores,  
A quem chora da Sorte os desfavores,  
Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina  
Do teu, e nosso Tyrse, a que se dóa  
Da mofina, e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na Cithara divina  
Teu lindo rosto angelico apregôa,  
Cantarei de tua alma a gentileza.

Ao Senhor Theotónio Gomes de Carvalho,  
Socio da Arcadia.

## SONETO XXI.

**A**Nte meus olhos anda Amor voando,  
Não cruentos virotos espargindo;  
Mas triste, e magoado o rosto lindo  
Lagrimas cristallinas derramando:

Não ousado, e soberbo; humilde, e brando  
Esmola pede a tenra mão abrindo:  
Se lhe digo que espere; alegre, e rindo  
Me vai mil esperanças amostrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos  
De versos, me diz elle, quem se veste;  
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os Fados tens achado adversos;  
Mas pede a Theotónio que te empreste  
Hum dobrão de seis mil e quatrocentos.

*Aos Annos do Senhor Theotónio Gomes  
de Carvalho.*

## SONETO XXII.

**S**alve formoso Dia, alegre Dia !  
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado ;  
Sempre sejas feliz, abençoado,  
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que tuas horas alumia,  
Mil vezes torne ao Téjo prateado ;  
E o rôxo Sol no carro seu dourado,  
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoso alegre Dia ; pois nos déste  
Hum limpo coração, amparo, abrigo  
Da espantosa, miserrima pobreza !

Que dadiva do Ceo não nos trouxeste !  
Ah ! que hum amigo, e na desgraça amigo  
Não o pôde fazer a Natureza.

*Aos Annos do mesmo Senhor.*

## SONETO XXIII.

**N**ão te direi que as Graças , q' os Amores  
Com suave prazer , doce alegria ,  
Salvando , caro Tyrse , o teu bom dia ,  
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi , q' as Ninfas , q' os Pastores  
Atroando a fragosa serrania ,  
Com singela , campestre melodia ,  
Cantão os annos teus , os teus louvores.

Com vozes mais sonoras , e pungentes ,  
Na choça estão de Corydon cantando  
A triste Máï , os filhos innocentes :

Não ao som de aureas Lyras modulando ;  
Mas com devotas lagrimas ardentes  
Pela vida' de Tyrse ao Ceo clamando.

*Ao mesmo Senhor.*

SONETO XXIV.

**N**ão louves, caro Tyrse, a rouca Ly  
Do rude Corydon, triste forçado,  
Que á toste da Galé afferrolhado,  
Se deseja cantar, chora, e suspira.

O lasso pensamento nunca tira  
Do duro remo, do grilhão pezado,  
Se se lembra do seu antigo estado,  
Attonito, e frenético delira.

O mar a cada instante lhe a presenta  
Tragicas scenas de futuras mágoas,  
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta  
Serenos torna o furór das aguas,  
Lhe dás alegres mostras de bonança.



## SONETO XXV.

*Cor.* **F**Aze versos, meu Tyrse; a linda Clara  
Teus versos qu'èr ouvir, teu doce canto.

*Tyr.* Mas que versos farei, que possão tanto,  
Que branda torne minha sorte avara?

*Cor.* A luz dos olhos seus formosa, e clara  
Foi quem n' alma te deo fatal quebranto.

*Tyr.* São o doce veneno, são o encanto,  
Com que Amor as cadeias me prepara.

*Cor.* Teus ais magoados, teus fieis ardores  
Poderão a brandar tanta dureza:

Suspira, que bem ouve os teus clamores.

*Tyr.* Se suspiros abrandão a belleza,  
Brandos espero ver, cheios de amores,  
Os olhos, em que vive esta alma preza.

*Ao P. Francisco José Freire, mandando-lhe  
pedir tabaco Hespanhol.*

## SONETO XXVI.

**Q**Uaes as portas de Jano afferrolladas,  
Onde preza mugia a Guerra dura,  
O entupido nariz o embate atura  
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobranceiras carregadas,  
Com torvo gésto, fêa catadura,  
Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura  
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafão empurro, e meto  
Alojado na brexa o mormo grosso,  
Com hum rodeiro malho atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,  
Se me não mandas já por esse môço  
Do macio Hespanhol louro tabacó.

## SONETO XXVII.

**N**'Uma Galé Mourisca afferrolhado,  
o som do rouco vento, que zunia,  
obre o remo cruzando as mãos dormia,  
O lasso Corydon pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolfado,  
uidava o triste, que o grilhão rompia,  
que entre as ondas Lilia branda via  
alhar c'o branco peito o mar salgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoso  
stremeceo, tentando levantar-se,  
os fuzís da cadêa retinirão:

Acordou ao motim; e pezaroso,  
Querendo á rude chusma lamentar-se,  
só mil suspiros, só mil ais lhe ouvirão,

*A' Calva do Padre Antonio Delfim,  
amigo do Author.*

## SONETO XXVIII.

**E**Ra alta a noite, a Lua prateada  
 Já no sereno Ceo resplandecia ;  
 E a corrente do Tejo parecia,  
 De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada  
 Descalço o lindo pé, filtros urdia,  
 Em torno de huma loisa, que se abria  
 De medonhos Espectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros  
 Esfaimadas Raposas; na Floresta  
 Lhe respondião Môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros  
 Unhar mandou do bom Delfim na testa  
 De finado cabelo alguns milheiros.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XXIX.

**F**Oi-se embora o Delfim! Como ficamos?  
Oh tyranno Delfim, que nos deixaste!  
Comtigo o prazer nosso nos levaste,  
Por-ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cançadas lagrimas choramos:  
Nesta pobre choupana te enfadaste?  
Depois que a nossos olhos te negaste,  
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!  
Nesta triste noite os fúnebres horrores  
Nada fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!  
A água fervendo para nós he fria,  
Chá de tres mil reis, he Chá de dores.

*A' Calva do mesmo.*

SONETO XXX.

**A**O pellado Eliseu a rapazia  
 (Enxâme de formigas inquietas)  
 Com apupos batendo-lhe palmetas :  
 Ergue-te , ó calvo , em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria ;  
 E deitando a correr , as çapatetas  
 No calcanhar tangião castanhetas ,  
 Cújo som pelas ruas retinia.

Assim , créca Eliseu , Delfim Antonio ,  
 Fugiste de entre nós a passapello ?  
 Parece que foi couza do Demonio !

De cada vez te falta mais cabelo .  
 Clerigo calvo , he Clèrigo bolonio ;  
 Mas ainda assim , tomáramos nós vello .

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXI.

**N**ão-se paga de versos a saudade,  
Nem de relva se farta o manso gado;  
O campo, que do gêlo foi crestado,  
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,  
Que este Cirio te deve algum cuidado,  
Não estejas em casa encoquinado:  
Foge, foge da misera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;  
Fonte-santa seus crystaes desata;  
Em ti o nosso pranto se não sécca:

Desprezas o agazalho de Pastores?  
Ois se de apparecer aqui não trata,  
Fazemos-lhe sequestro na Rebeca.

*Do fogo de hum monte de tojo em Alcantar  
alludindo à Calva do Padre Delfim.*

## SONETO XXXI.

**P**Or entre crespas cerras de enrolado  
Negro fumo, o clarão se despargia  
De hum incendio voraz, que á vista arde  
Do Dono da fogueira descórado.

Soavão crebros golpes do machado,  
Com que a Mestrança intrépida batia:  
A pezada calceta retinnia  
Estava immenso povo embasbacado.

Achicavão as bombas sequiosas:  
Marcha em fileiras a guerreira gente:  
Nunca no Ceo se vio Lua tão alva!

Co' reflexo das chammas luminosas,  
Brilha do Téjo a tumida corrente;  
Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.



*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXIII.

Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,  
Olhos azues, as faces mui rosadas,  
Castanhas as melenas estiradas,  
na burnida testa hum pouco calvo?

Quem mo trazer aqui a são e salvo,  
certo, não perderá suas passadas:  
A verdade, que ha horas minguadas!  
deixei-o fugir? sou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,  
e conhecem hum Padre rabugento,  
que gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;  
vai prêgar hum escrito a São Vicente,  
põe outro na rua de São Bento.

Tom. I.

B

*A' Calva do mesmo.*

## SONETO XXXIV.

**C**Om a mão na rabiça, e co' aguilha  
O colono Villão os bois picando,  
Abre o comprido rego, a terra arando,  
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,  
Rebenta, a verde cana levantando;  
E no quente Verão, do vento brando  
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores  
Lanção por terra os esquadros viçosos;  
Da carnagem cruel nenhum se salva:

Assim andão Demonios malfeitores,  
Ceifando nas cabeças de tinhosos;  
Assim Delfim a tua se fez calva.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XXXV.

*M. el* **A**ppareceo o Padre Antonio ; estava  
Escondido n' um côvo de gallinhas ;  
Para caber metteo-se de gatinhas ,  
E nem que pinto fôra assim piava.

*Eu.* Quem ? o Padre Antonio , que tocava  
Diversos minuets , e modinhas ,  
Cuja calva em funcões de Ladainhas  
Entre cinzentas crôas alvejava ?

*M. el* Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado

*M. el* Certo atravessador , que mui contente ,  
Entre capões o tinha pendurado ;

Mas vio , que lhe dizia toda a gente :  
Como está manso pelos pés atado ;  
Se o soltarem , vai dar a São Vicente.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XXXVI.

**T**ambem me lembra a mim, que já tivees  
 Mais cabello na calva luzidia ;  
 E me lembro tambem , de q' algum dia  
 De vir comnosco estar gôsto fizeste :

Nem me esqueço de quando nos tanges  
 (Por signal que cigarra parecia)  
 A rebeca , que a todos aturdia  
 Até que coutadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim ! Eras bom homem.  
 O mofino do moço deo-te olhado ,  
 Foi o mesmo que ver-te Lobishomem :

Agora andas cumprindo com teu fado ;  
 Só gostas de comer o que elles comem ,  
 Depois de digerido , e transmutado.

*A. Calva do Padre Delfim.*

## SONETO XXXVII.

**P**Or Cerastes, e Górgonas lançada,  
Do mirrado Cassini a sombra fria,  
Passa do lago Averno a gritaria  
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneráveis Deosas avexada  
Teme não rompa sedo o claro dia;  
E acoçada dos cães freme, assovia,  
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,  
E ao som medonho da infernal calceta  
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua  
Para traçar o giro de hum Cometa,  
Que ha de crestar a grenha a todo Mundo.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXVIII.

**I**Nda a vermelha Aurora somnolenta,  
Os olhos esfregando, mal abria  
A dourada Manhã, e a luz do dia  
No Téjo se encostava macilenta.

Das nuvens o theatro representa,  
Iris formosa, que fugir se via  
Do socegado mar da Trafaria,  
Triste sinal da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, seis, e oito vezes  
O inquieto Delfim por mim chamava,  
Os lombos despegando-me do leito,

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezês,  
Quando cuidei que socegado estava,  
Fez-me os versos fazer, que tenho feito.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXIX.

Qual saudosa Mãi, que da ribeira  
Bradando afficta, em lagrimas banhada  
Co' amado Filho, de quem era amada,  
Vê da praia fugir a não ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira  
De te não ver aqui desesperada,  
ente que da afflicção a alma cançada  
Está chegada á hora derradeira!

Tristes, mudos, affictos, e chorosos  
Uns para os outros, nem se quer olhamos;  
Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos,  
Pelo Padre Delfim, delle saudosos  
Uns aos outros a medo perguntamos.

*Ao Padre Delfim.*

SONETO XL.

**Q**' He delle o Cabeção do P. Antonio  
Onde tem o chapeo, mais a bengalla?  
Francisca, vê se podes apanhalla:  
Fugir-nos se intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio;  
Espera, escuta, se resona, ou falla:  
Acordaste-lo? Valha-te huma balla;  
Pois perdeu duas Missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias  
Queres Chá, ou Café? A Misses Rosa  
Tem ordem de fazer-nos as fatias;

Quanto esta manhã fresca he deliciosa,  
Quanto de Inverno são as noites frias,  
Para nós tua vista he saborosa.



*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XLI.

**A**Migo Padre Antonio, a Fonte-santa  
Sem ti não vale nada: descontentes  
Convidados, amigos, e parentes,  
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta  
Ouvir súplicas tão impertinentes:  
Huns dizem, que virás; outros, que mentes,  
Que deixaste o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,  
Magotes, e magotes de mulheres,  
Humas assim assim, outras caraças:

Sége te mandarei, se sége queres;  
Não te peço senão, que agora faças,  
O que fizeste já n' outros Prazeres.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XLII.

**A** Migo, fallo sério, saudosos  
Pelo nosso Delfim todos chamamos,  
A's portas, e janellas perguntamos,  
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,  
E crestados do pranto que choramos:  
A's mangas sem cessar nos assoamos,  
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente  
De teus velhos amigos, coutadinhos,  
Que sem ti Sol não achão, que os aquente.

Quaes píão pela Mãi os pintainhos,  
Assim chama por ti toda esta gente,  
Parentes, convidados, e vizinhos.

## SONETO XLIII.

**N**A solitaria praia a ruiva arêa  
Com a luz da manhã resplandecia ;  
De inquietas estrellas se cobria  
O fundo pégo, que sonoro ondêa.

De branca espuma na cerulea vêa  
O gado de Proteu sulcos abria ;  
Glauco da barca as redes desprendia,  
O lança consagrando a Galatêa.

Mas suspendeo as Chinxas assustado,  
Vendo boiar do Téjo n'agua pura  
O coral rôxo, o Mûrice dourado.

Ouve huma voz bradando : ,, Quem procura  
, Porfanar este dia consagrado  
, Da engraçada Corina á formosura ?

*Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.*

## SONETO XLIV.

**P**izando mil estrellas radiantes  
As celestes Virtudes vem descendo,  
Com as candidas mãos crôas tecendo  
De louro não, de immensos Soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes  
O Tempo voador estão prendendo;  
A' longa eternidade obedecendo  
Quietos os aligeros Instantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q' admirarão  
A luz, que pelas, aguas se estendia,  
Humas ás outras com prazer lembrarão,

Que as eternas Virtudes neste dia  
Para habitar, dos altos Ceos baixarão,  
No coração heroico de Maria.

## SONETO XLV.

**H**ontem se foi daqui Nize formosa,  
Nize nosso prazer, nossa alegria:  
Tornou-se em fêa noite o claro dia;  
Cubrio-se o Sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa  
Inconsolaveis lagrimas vertia:  
E a tarde, que mil ditas promettia,  
Oh quão triste nos foi, quão amargosa!

Neste espanto fatal hum desgraçado,  
Que por Nize em amor todo se inflâma,  
De Nize tão cruel assim se queixa:

Se o Mundo todo fica tão mudado,  
Quando foges de quem em vão te chama,  
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

*Aos Annos da Senhora D. Camilla.*

## SONETO XLVI.

**D**Oze vezes o Sol com seus fulgores  
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;  
E doze vezes cheios de alegria  
Empennarão as settas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,  
Pelos campos aromas espargia:  
O mesmo Ceo de estrellas se cobria:  
Brilhavão da Virtude os resplandores.

Jazem na fresca relva os armentíos;  
E os Pastores tocando nas avénas,  
Modulão o teu claro nascimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;  
Correm sonoras fontes mais serenas:  
Tudo respira em fim contentamento.

*A huma Senhora, a quem o Author chamava  
sua Mãi.*

## SONETO XLVII.

**C**Omigo minha Mãi brincando hum dia,  
A namorar c'os olhos me ensinava;  
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,  
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,  
Porque incapaz do ensino me julgava;  
Porém tanto a lição me aproveitava,  
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:  
Ditoso se tal arte não soubera,  
Não me custara a vida não logralla.

Certo, que aprender menos melhor era;  
Pois não soubera agora desejalla,  
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

*A Jeronymo Henriques de Sequeira.*

## SONETO XLVIII.

**D**outor Henriques, o Garção doente  
Vai-se achando peor, a febre atura;  
A face cada vez está mais dura,  
Tratando mal de mim toda esta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente  
Na descarnada mão da Morte escura  
Ante os olhos girar, e a má figura  
Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Hum bando de atrocissimos peccados  
Rezenha estão fazendo em outra parte,  
Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer senão chamar-te?  
Teu nome, se me livras de cuidados,  
Cantando espalharei por toda a parte.



## SONETO XLIX.

**T**Res vezes vi, Marília, de alva Lua  
Cheio de luz o rosto prateado,  
Sem que dourasse o campo matizado  
A linda aurora da presença tua.

Então sobindo á serra calva, e núa,  
De hum ingreme rochedo pendurado,  
Os olhos alongando pelo prado,  
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Pastores,  
Que meus suspiros fêrvidos ouvião,  
Cortados do alarido dos clamores:

Tanto que a causa de meu mal sabião,  
Ulgando sem remedio minhas dores,  
Por não poder-me consolar, fugião.

## SONETO L.

**L**Acaios, Mulher, filhos, e criadas  
Todas clamando estão pelas fogueiras,  
Quaes gritão marafonas regateiras,  
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas  
Lhe mostro sem pataca as algibeiras;  
Ellas, que são ladinhas, e matreiras,  
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça  
Para cabeças, ou barrís dinheiro,  
Que o Luiz irá lá a toda a pressa.

Que remedio! Despacho hum caminheiro,  
Pois temo, que me queimem a cabeça,  
Ou me ponhão por masto no terreiro.

## SONETO LI.

**J**Á de trás do casal vem resurgindo  
O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte  
Rebenta o bom Mardél no preto Etonte,  
E co' chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,  
Que não he justo, amigo, que te conte;  
Saltão os dous a terra alli defronte;  
As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete  
Em trages de Confucio, ou de Mafoma,  
Os gentís olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topéte,  
Depois de cochichar o Chá se toma:  
Eis-aqui o *Long Room* da Fonte-santa.

## SONETO LII.

**I**nda que abrindo a boca o Mar irado,  
Os dentes mostre em borbotões de espuma  
Ou nos abysmos rapido se suma;  
Ou caia das estrellas despenhado:

Inda que o Oceanno denodado,  
Co' grão Tridente dardejar presuma;  
E que o misero corpo me consuma,  
De ceruleos Delfins atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,  
Sumergindo-se seja a campa minha,  
Servindo-me os Antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho  
Com os dedos fazendo tisourinha,  
Repetirei a historia de Alencastro.

## SONETO LIII.

**S**E como tu, Amor, mandas, e queres  
Que admire de Tyrcea a formosura,  
Igual á que me abraza chamma pura  
Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu pudéres  
Claros signaes mostrar-me de ternura;  
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,  
Que benigna me attenda, em fim venceres:

Então direi, Amor, que és poderoso,  
Que te he devida nossa idolatria,  
E que podes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrcea ingrata, impia  
Cedendo a meu destino rigoroso,  
Destes suspiros faça zombaria.

*Ao Terremoto do primeiro de Novembro  
de 1755.*

## SONETO LIV.

**A** Fortunado Eneas, que sahiste  
Da destruida Troia, carregado  
Com o pezo feliz do Pai amado;  
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe  
Ao direito fatal do injusto Fado:  
Se viste o patrio ninho destroçado,  
Salvo, quem te deo ser, ditoso viste.

Os Penates, os Socios transportaste  
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,  
Onde hum novo Paladio collocaste.

Eu provei mais cruél Fado inimigo:  
A Patria vi arder: Tu a salvaste;  
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

*A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier  
de Sande e Salema.*

## SONETO LV.

**A**O som dos duros ferros, que arrastava,  
A Lyra de ouro Coridon tangia,  
De Marcia o doce nome repetia;  
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,  
O lagrimoso pranto reluzia:  
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,  
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,  
Nem com ousado lenho arar intenta  
O Pólo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:  
De pouco hum peito grande se contenta:  
Antes quer ser honrado, que ditoso.

## SONETO LVI.

**C**Ujos Brontes estão arregaçados  
Batendo o rubro ferro, e retinindo  
Os rijos malhos, vão ao ar subindo  
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados  
Aparecem mil Elmos reluzindo;  
Na forja a labareda está zunindo,  
Impellida dos folles engelhados:

Crystallino suór alaga a testa  
Do côxo mestre; a calma da officina  
A' fresca Viração as azas cresta.

Forjavão huma setta colubrina;  
Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta  
A' vista dos bons olhos de Corina.



*A' Morte de Felis Coutinho.*

## SONETO LVII.

**E** Spirito gentil do Esposo amado,  
Que sobre as azas de Virtudes santas,  
Muito assima dos astros te levantas  
Do miserrimo corpo desatado:

Ante o solio de estrellas recamado,  
Cá do grande Adonai o Nome cantas:  
E do perpétuo dia não te espantas,  
Que a nossos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo semblante a nós volvendo,  
(Nova Constellação resplandecente)  
A terra, lá do Ceo, inda estás vendo;

Não te cansas de nosso amor ardente,  
Que este pranto, que vês estar correndo,  
Que viva cá sem ti, me não consente.

THE HISTORY OF THE

ROYAL SOCIETY OF LONDON

FROM THE YEAR 1660 TO 1703

By JOHN VAUGHAN, Esq; Secretary to the Society.

Printed by J. Sturges, at the Sign of the Sun in Pall-mall, 1752.

Price 10s. 6d.

THE HISTORY OF THE  
ROYAL SOCIETY OF LONDON  
FROM THE YEAR 1660 TO 1703  
By JOHN VAUGHAN, Esq; Secretary to the Society.  
Printed by J. Sturges, at the Sign of the Sun in Pall-mall, 1752.  
Price 10s. 6d.

~~~~~  
*Os Fidalgos , que protegião o Theatro do  
Bairro Alto.*

## ODE PINDARICA I.

## STROFE.

Não Arabico incenso , ouro luzente ,  
Nem pérolas do Ganges ,  
Não tenho que offercer-vos reverente ,  
Malhas , arnezes , punicos alfanges ;  
Mas soberbas Phalanges  
De almos Hymnos Dircéos, q'immortaes tecem  
Mil croas á Virtude , me obedecem.

## ANTISTROFE.

Uja o profano Vulgo , qual nos montes  
O rebanho medroso ,  
Quando vê fuzilar nos horizontes  
O farpado corisco pavorozo ,  
Ouve o trovão ruidoso ,

Correndo pelo valle se derrama,  
E em seu balido o Pegureiro chama.

## E P O D O.

Nos mansos ares vejo  
Já sobre as azas lucidas pezados  
Meus fogosos Etontes, que banhados  
No doce, flavo Téjo  
Os freios de diamantes mastigavão,  
Quando as Ninfas de rosas os croavão

## S T R O F E.

Esta, que afino Chitara famosa,  
Deo-ma o Cysne do Ismeno,  
Cujos canto em Elia victoriosa  
Foi sempre ás Musas mais, q' o Pindo ame  
Com semblante sereno  
A mão nas aureas cordas me firmava,  
E ás Argivas Canções me acostumava.

## ANTISTROFE.

Assim digno me fez do levantado  
Assumpto magestoso,  
A quem hoje me inspira a luz do Fado,  
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:  
Brame o Tempo invejoso,  
A fouce morda, e ameace dãos;  
Mas meus versos dominão sobre os annos.

## EPODO.

Canto a illustre, e clara  
Descendencia de Heroes, que a Lusa terra,  
Ou na dourada Paz, ou dura Guerra  
Fizerão mais preclara:  
Cuja fama em relampagos diffuza,  
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

## STROFE.

O herocio, e real sangue vos inflâma,  
Que regou derramado,

Louros , e palmas , que cultiva a Fama  
Nos espantosos montes do Salado.

O barbaro espantado  
Deixa , fugindo á ultima ruina ,  
Arrazada de luas a campina.

## ANTISTROFE.

Que eterna gloria ! Immensa luz scintilla

Nas aras da Memoria !

Ali Farrobo vejo , e vejo Arzila ,

Destroçados despojos da victoria !

Da Lusitana Gloria

Escravas gemem , mostram de horror cheia

Centa , Larache , e Tangere , as cadeias

## EPODO.

Para surgir no Oriente ,

Do patrio ninho impavida fugindo

Está sonoras vélas desferindo

A brava Lusa gente.

Arando o Gama vai, sem temer Juno,  
Os inhospitos campos de Neptuno.

## STROFE.

De Albuquerque, Almeidas, Castro forte,  
Que feitos não pregôa  
A honrosa tradição, que espanta a Morte,  
Q'além dos tempos derradeiros vôa!  
Asia respeita em Gôa  
O nome Portuguez, luzes divinas,  
Que humilde adora nas sagradas Quinas.

## ANTISTROFE.

De tão honrados inçlytos maiores,  
Vós, Netos generosos,  
Do fado das batalhas sois senhores:  
Illustres cavalleiros victoriosos,  
Espiritos briosos  
Vos inspira o ardor que vos inflamma,  
Té o grão Templo conquistar da Fama.

## E P O D O .

Mas já do batel pobre  
Sinto a quilha gemer ; o debil lado  
Dos ventos , e das ondas açoutado  
De alva espuma se cobre :  
Remos não tem, não tem faroes que o rejão  
De balde as vélas contra o mar forcejão

## S T R O F E .

Tempo , tempo virá que as desprezadas  
Musas do patrio Téjo ,  
Por vossas mãos benignas levantadas  
No porto vão surgir , q' inda não vejo :  
Então , então sem pejo  
Em grave scena adereçando a Historia  
Mostrarão quanto pôde o amor da gloria



## ANTISTROFE.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio  
A mascara rasgada,  
Hão-de ensinar no Comico Exercicio,  
Como Verdade do alto Ceo mandada,  
De rosas coroadas  
Sans máximas dictando ao povo rude  
Espalhe os claros raios da Virtude.

## EPODO.

O jugo vergonhoso,  
Os cepos, em que jazem prizioneiras,  
Como escravas das Musas estrangeiras,  
Com animo brioso  
Desejão sacudir: serão louvadas,  
Dignas então de vós, por vós honradas.

*A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão  
e Vasconcellos.*

## O D E II.

**P** Eleijei , peleijei (e não sem gloria)  
Nas barbaras , indomitas Phalanges  
Do forte domador de humanos peitos ,  
Insano Amor potente.

A triumphal carroça acompanhando ,  
Angelicos cabellos ennastrados  
Com Mirto , e rosa ; de córadõ pejo  
Os alvos rostos tintos :

Mil garridas , mil candidas Licores  
Vencedor me jurarão , me rendêrão  
Do rizo , e do prazer no Capitolio  
Humilde vassallagem.

Das o tempo voôu ; agora manda  
A nevada Prudencia , que amainando  
As vélas enfunadas , surja o lenho  
Em socegado porto.

arguemos pois altivos ardimentos ,  
Os soberbos Troféos. Eia larguemos  
Arrastadas bandeiras , rotas armas ,  
Iliacas escravas.

qui neste despido freixo annoso  
Fique a sonora Lyra pendurada ,  
Qual no Templo suspende o naufragante  
Os humidos vestidos.

ara ser mais solemne o sacrificio  
Em vergonhoso Cadafalso queime  
Arrendida mão Odes , Sonetos ;  
Espalhê o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,  
Entre serras de fumo lance aos ares  
O solto espirito de meus versos tristes,  
Q' em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflammado,  
Os fragosos outeiros abalando;  
Assombre o peito de Marilia ingrata,  
Da perfida Marilia.

*Sendo convidado o Author para assistir a hum pouco de Ponche , que se havia de fazer no outro dia ; elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla , he a do Soneto XII. e a Marilia , a do Soneto II.*

## O D E III.

**P**Ois torna o frio Inverno , sacodindo  
Das estridentes azas gelo agudo ,  
As retalhadas mãos , a mavel Lydia ,  
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes , que branquejão ,  
As crystallinas cans d' annosos troncos  
Com os raios do Sol estão brilhando ,  
Quaes brilhão de Marilia ,

Da travessa Marília, os ledos olhos,  
A' chaminé hum pouco nos sentemos:  
Já silvando entre ondadas labaredas  
A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos:  
Comtigo as Graças vem, comigo Amores,  
Que no varrido lar ao lume seccão  
As orvalhadas pennas.

Os froxos arcos bocejando largão,  
E nas crueis aljavas reclinados,  
Porque vélão de noite, somnolentos,  
(Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra  
A pezada tristeza, os váos temores,  
Que deixa voar solto o pensamento  
Nas azas da Alegria.

eluzindo na meza os cristaes limpos ,  
Nos pedem que bebamos , que brindemos :  
Ora bebamos , Lydia ; deixa aos Astros  
O governo dos Orbes.

ão queiras triste penetrar a densa  
Caliginosa nevoa do futuro :  
Não percas hum instante de teus dias ;  
Olha , que o tempo vôa !

ão com elle nossas esperanças ,  
Castellos sobre nuvens levantados !  
A mais pomposa Scena da Fortuna  
D' improviso se troca !

enás vi raiar hum doce rizo ,  
No angelico semblante de Marilia ,  
Dos olhos me fugio o lindo gesto  
Que os olhos me levava.

Qual sonhado thesouro em negra cinza,  
Se tornou todo o meu contentamento:  
Ah, Marilia cruel! que te custava  
Trazer-me neste engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;  
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja:  
Prove tormento igual a meu tormento:  
Em vão, em vão se queixe.

Perdoa, Lidia, se blasfemo, e grito,  
Que Ponche tambem faz dizer verdades  
He Marilia formosa; mas ingrata . . . .  
Creio que o tempo muda.



*A' Virtude.*

## O D E I V.

**L**igado com asperrimas algemas  
Ao rigido penedo ;  
Com hum agudo cravo de diamante  
O peito traspassado ;  
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue ,  
Que brota da ferida ;  
As sonoras pancadas do martello ,  
Com que bate Vulcano ,  
Nas cavernas do Caucaso retumbão :  
Porém constante, e forte  
Não geme Prometheo ; antes accusa  
A Jupiter de ingrato :  
Innocente se julga ; á força impía  
Não cede do Tyranno.

Assim , assim a misera pobreza ,  
A contraria fortuna  
Deve immovel soffrer huma alma grande ,  
Oh Sousa esclarecido !  
Varra o credor soberbo a pobre casa  
Co' desabrido Alcaide ;  
Dorme no duro chão tão descansado ,  
Como no leito brando ,  
O intrepido Varão , que do destino  
Próva os fataes revezes.  
Co' a dourada Carroça o molle Eunucho  
O pize , ou atropelle ,  
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavra  
Nas ribeiras do Téjo  
C' os malhados bezerros longa terra ,  
Não lhe acorda a cobiça.  
Vente embora do Sul ; cahindo açoite  
Ao negro mar que brada ,

O pluvial Arcturo ; a vara creste  
Do podado bacelo  
Espessa chuva de arida saraiva ,  
Nada lhe abala o peito.  
Enroscada no braço macilento  
A venenosa Serpe  
Chegue ao seio cruel a triste Inveja ;  
E a perfida Mentira  
Co' os titubantes beiços o crimine ,  
Rirá no cadafalso.  
Só dos delictos pôde o vil remorso  
Mudar-lhe a côr serena  
Do tranquillo semblante. A mão potente  
De quem o fez , só teme.  
Os homens não recea , que a Virtude  
O coração lhe anima ,  
E a consciencia sã , a fé intacta ,  
Os austeros costumes.

Não fantasticas honras isto ensinão.  
Assim dourão a morte  
Os Uticenses, Regulos, os Marios,  
A pezar do sepulcro.  
Sobre as azas do Tempo assim passaráo  
As Lethargicas ondas  
Do rio somnolento. Assim croado  
De Gangeticas palmas,  
O destemido Castro n' alta serra,  
Que Templo foi de Cinthia,  
Retirado vivia: a mão invicta,  
Gloria, e terror da Asia,  
Os silvestres arbustos cultivava,  
Subjugando a vaidade.  
Passe á Gineta o timido guerreiro,  
Que com as armas limpas  
Da batalha fugio espavorido;  
Porque do sangue antigo

A arvore apresenta. Ainda que honrado ,

O desvalido mostre

As rôxas cicatrizes das feridas ,

Que soffreo pela Patria ,

Dizia o grande Castro. O Lizongeiro

Estudando o segredo

De agradecer desprezos , não se affaste

Da salla do Ministro.

Alli dourando o Sol os altos montes

Na madrugada veja ;

Alli o deixe a Lua , que vermelha

No horizonte mettida ,

Estende os froxos raios pelas ondas ;

Se com pública fraude

Ao misaravel Orfão a capella

Subnegar-lhe pertende.

Aspire á Béca o julgador iniquo ,

Q' aos olhos da Justiça

Roubou a santa venda, que equilibra  
Nas vendidas balanças  
Os dourados delictos. Soffra, e busque  
A vergonhosa Scena  
Da subita catastrophe o Privado,  
Que o rosto não conhece  
Da Clara Fama, da immortal Memoria,  
Da Honra, e da Virtude.  
Mas qual Marpezia rocha, hum peiro forte  
Não roga, não se abate.

*A' Virtude.*

ODE V.

O Constante Varão, que justo, e firme  
Da difficil Virtude segue os passos,  
O pezado semblante do Tyranno  
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;  
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;  
Soffra no potro asperrima tortura;  
Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado  
Préza mais a innocencia, do que a vida,  
Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,  
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem  
Em vermelhos coriscos as estrellas ;  
Brote Volcões a terra ; da ruina  
Impavido não foge.

Assim Mário subio ao Capitolio ,  
Entre Aguias, e Lictores conduzido ,  
Com aspecto sereno ; ainda que atadas  
As rôxas mãos em ferros.

Na presença de Cesar , e Conscriptos  
Fui , disse , fui fiel a Galba , e a Roma ;  
Confesso o meu dilicto , se delicto  
A' Virtude se chama.

As legiões Romanas testemunhas  
Poderão ser : Vós, Consules, Tribunos  
A verdade dizei. Dizei se Mario  
Foi amigo de Galba?



Patricios, e Soldados do divino  
Julio, ás aras jurem se me virão  
Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio  
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste Velho descorado  
A garganta offercer ao duro golpe ;  
E indo da Patria o nome repetindo  
A grande Alma fugir-lhe.

Oh Cesar! aqui tens de Mário Celso  
O crime, e a confissão : Romanos, Mário  
Foi a Galba fiel! Vamos aonde  
Está o Cadafalso.

Acabou de fallar: Consules, Padres  
Attonitos ficárão; porém Cesar  
De tão rara constancia namorado  
Nos braços o recebe.

*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria, Soci  
da Arcadia.*

## ODE SAPHICA VI.

V<sup>Ê</sup>, Silvio, como sacodindo o Inverno  
As negras azas, sóltá a grossa chuva!  
Cobre os outeiros das erguidas serras  
Humida nevoa.

Na longa costa brada o mar irado  
Sobre os cachopos; borbotões de espuma  
Erguem as ondas; as crueis cabeças  
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rigido soprando  
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba;  
E o gado junto, pavidó balando  
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,  
A rôxa face no çurrão escõde;  
C'os altos soccos quebra a preza neve,  
Corre á cabana,

Alli ajunta de podadas vides  
Os seccos mólhos: assoprando accende  
Pobre fogueira, aonde as mãos aquecta  
C'os rotos filhõs.

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga  
Na grossa manga, reprimindo forte  
Arcebas dores, reflexões pezadas,  
Tristes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,  
A porta arrancão dos moidos gonzos:  
Corre assustado d' um fuzil q' o cega  
A' luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo ;  
Ouvio bramando , retumbar no vale  
Os longos écos do Trovão , que abala  
Os altos montes !

Vê-se partida do voraz corisco  
A rica proa de hum Baixel Britanno ;  
Não lhe valendo cem canhões soberbos ,  
Que Nantes teme.

Rotas tremulão as Reaes bandeiras ;  
Rompem as ondas o infeliz costado :  
Inutil pranto , tristes ais levanta  
A lassa gente.

Agora , dize , quem seguro vive ,  
Amado Silvio , da cruel Fortuna ,  
Se as altas torres , se as humildes choças  
A Morte piza ?

Os aureos tectos , Doricas columnas ,  
Quadros antigos , marchetados leitos ,  
Servem de Espectros , Gorgonas , Cerastes ,  
Na fatal hora.

*Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.*

ODE SAPHICA VII.

**O** Vârão justo, que, Senhor, invoca  
Teu Nome Santo, no deserto monte  
Faz, que rebente crystallina fonte  
Da árida penha.

No fundo valle sua voz despenha  
Qual molle cera, liquidos outeiros;  
Sonoros ventos, horridos choveiros  
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa  
Vermelho raio com furor rasgando,  
Nos negro ares vio girar silvando  
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,  
E o fulminado frio corpo exangue,  
Dã dura terra, tinto em rôxo sangue,  
Eis se levanta.

Assim armado de virtude santa  
Serenos tornas os infestos ares;  
Assim dominas insofridos máres,  
Avida morte.

Salve teu Nome do vibrado córte  
Desamparados miseros humanos,  
Que do castigo merecidos danos  
Palidos temem.

*A S. Norberto, Bispo, e Confessor.*

## O D E VIII.

**E** Spiritos rebeldes, que as infensas  
Aljavas fulminantes  
Das fêas legiões de nuvens densas  
Armais de accezas farpas crepitantes,  
Fugi para as distantes  
Incultas brenhas d' árido deserto,  
Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado  
De medonhos rugidos  
O Leão de Judá: no escudo alçado  
Relampagos fuzilão despedidos  
Dos arcos desferidos,  
Que sobre Saulo attonito lançarão  
Settas, que dentro n'alma lhe troarão.



Rota a nevoa mortal , que lhe encobria  
O throno magestoso  
Do Senhor das batalhas , que o seguia  
(Astros trilhando o carro luminoso)  
Conhece venturoso  
A mão potente , a qual se toca os montes ,  
Abafa cresco fumo os horizontes.

Tu , Norberto , outro Saulo foste , quando  
Intrepido , e valente  
O rapido ginete arremeçando ,  
De improviso brandio a nuve ardente  
Relampago estridente ,  
Que ao bruto , do trovão espavorido ,  
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma constante  
Se humilha a fortaleza ;  
Vê scintillar o lúcido semblante ,  
Que adora consternada a Natureza ,  
Quando a vingança acceza  
Leva os Cedros do Libano frondosos  
Nas azas de coriscos espantosos.

Caliginosas trévas já rompia ,  
E ao claro Firmamento  
De luz surcando pélagos , sobia  
No regaço da Fé o pensamento ,  
Ouvindo o claro accento ,  
Com que lhe falla o Ceo : e o mar irado  
Tremeo do som terrivel assustado.

lovido pois de nosso ardente rôgo,  
Desce, ó Norberto Santo,  
Dissipa com teu Nome tanto fogo,  
Ouve nossos clamores, nosso pranto;  
E já que podes tanto,  
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os máres,  
Que lance os mãos espiritos d' estes ares.

*A Santo Thomaz de Aquino, Doutor, e Confessor*

## O D E IX.

**S**E na eterna Sião, onde ditoso,  
Em premio da victoria,  
Te corôa o semblante luminoso,  
O Sol de immensa gloria,  
Thomaz inclyto Santo,  
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo,  
Attende a nossos dânos:  
Olha os ventos irados, revolvendo  
Os negros Oceanos  
De indomitas procellas,  
Que soltão em coriscos as estrellas.

Qual sem Pastor o pavido Cordeiro,  
Ouvindo ranger perto  
Do cerval Lobo o dente carnicero:  
Assim do Inferno aberto  
As fauces horrorosas  
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

code-nos, Thomaz; lembre-te quando  
A mão Omnipotente,  
No throno de mil raios fulminando  
O gume refulgente  
Da abrazadora espada,  
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia, a Fé constante  
Nos braços te sustenta,  
Em quanto a rôxa flamma sibilante,  
Que subito rebenta,  
Em torno te girava,  
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso  
Os olhos mal abriste;  
Espectaculo fêo, e lastimoso!  
Da misera Irmã viste  
Jazer despedaçados  
Os palpitantes membros fulminados.

azas do Senhor, que te cobrirão,  
Que illeso te guardarão!  
Não de luzente malha te vestirão,  
Mas de poder te armarão  
Para invicto valer-nos:  
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

*A Santo Ubaldo, Protector da Cidade de Eugubino,  
Bispo, e Confessor.*

## ODE ALCAICA X.

**Q**Uando o terrivel Deos dos exercitos,  
Nas leves azas de Aquilões turbidos,  
Sobre as altas Cidades  
Manda a procella horrisona:

Se vingadora solta a mão rubida  
As estridentes acezas viboras,  
E se o fragor dos montes  
Frême no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos  
Os Eugubinos te invocão pávidos;  
Cercando teus altares  
Gemem, quaes Pombas timidas:



A soccorrellos vôas intrepido,  
E da virtude no pavez rigido  
Rota a farpada lança,  
Foge co' vento rapido.

Assim te chama Protector inclyto  
A Lusa gente; correm as lagrimas,  
Qual matutino orvalho  
Banha os frondosos Platanos.

Vem socorrer-nos: no arido carcere  
Os trovões prezos bramão indomitos;  
Tornem dourados dias,  
Movão-te nossas súplicas.

*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria ;  
Socio da Arcadia.*

## O D E A L C A I C A XI.

**S**E já ouviste , Silvio magnanimo ,  
A minha pobre , rustica Cithara ,  
Poucos , mas novos versos ,  
Ouve com rosto placido.

Ouve ; que aos versos , famosos titulos  
Devem Eneas , Deiphobo , e Priamo ;  
Deve Ulysses prudente ,  
Deve Achilles indomito.

O Luso Gama nunca tão célebre  
Fôra no Mundo , só porque impavido  
Os máres não sulcados  
Cortou c' os lenhos concavos ;

Camões, eterno com os Lusíadas  
Pôde fazello, senão incognitos  
Os Varões Portuguezes  
Jazerião no tumulo.

Antes que as nossas, nos mîares Indicos  
O ferreo dente molhárão ancoras  
De Quilhas Europeas,  
Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d' outros exercitos  
Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:  
Houve na Frigia Troia  
Outro Ajax, outro Stenelo.

Em só, Eliza, d' Eneas profugo  
Tingindo a espada no sangue tepido,  
Troçou a doce vida  
Por huma infamia posthuma.

Nem só guizados os membros lividos  
Do caro filho , com rancor barbaro  
Ao lascivo marido ;  
Progne ministrou pállida.

Em acções grandes d'almas intrepidas  
Forão , he certo , ferteis os Seculos ;  
Mas o negro silencio  
Sepulta os nomes inclytos :

Negro silencio , que os olhos languidos  
Na vil Preguiça fitando timido  
A letargica lingua  
Corta c' os dentes avidos.

Cobre a Virtude co' as azas lubricas  
O veloz Tempo , logo que ao feretro  
Cede o passo a Lisonja ,  
Rasgando a torpe mascara.

Com tardos passos calcando os tumulos  
O Esquecimento, da mão esqualida  
Sólta as confusas cinzas,  
Que espalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,  
Soffrer podia, que o canto melico  
Esquecido deixasse  
O teu nome magnifico?

De huma alma grande costumes candidos,  
Raras virtudes, genio pacifico,  
Para serem eternos,  
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice,  
Ou córte jaspe, ou côres liquidas  
Largue o pincel no panno  
Dos monumentos públicos.

Sempre com versos o furor Delfico  
A nobre vida dos Varões inclytos  
Livra do vil contacto  
Das mãos cruentas d' Atropos.

Dos torpes vicios es censor rigido ;  
Tu os fulminas com olhos placidos ,  
E entre nuvens de fumo  
Foge a tropa fanatica.

Da triste Inveja na testa pállida  
Co' a forte planta pizas as viboras ;  
Bramindo , o negro Cirio  
Quebra a Discordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido ,  
Larga a Cobiça : com grilhões asperos  
Algemada a Soberba  
Dobra o pescoço rispido.

De ti fugindo cahem no pélagos ,  
Onde a Tristeza com pranto lugubre  
Cercada de remorsos  
Já mais enxuga as lagrimas.

*Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederic  
Weinholtz.*

## O D E XII.

**C**Om suaves caricias, brando, humilde,  
Qual he por natureza,  
As tenras mãos erguendo, o rosto lindo  
Em lagrimas banhado,  
Ao rigoroso Tempo Amor pedia,  
Que dos duros revêzes  
Do braço inexoravel preservasse;  
Que de doces prazeres,  
De glorias coroasse, e de venturas  
Este ditoso Dia:  
Ora em laços de Goivos, e Amaranto  
A rispida melêna  
Ao desabrido Velho entrança, e prende;  
Ora as aras lhe cinge



Com cheirosos collares de mil flores :  
Thé que o rapido Monstro  
Avaro de ruinas , e de estragos ,  
Soberbo , e receoso  
D' alheas tyrantias , c' hum sorrizo ,  
Que seu rancor disfarça ,  
Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.  
Pela sanguinea fouce ,  
Que na mão lhe reluz , jura , e promette ,  
Que de Weinholtz aos annos ,  
As Parcas fiaráõ dourados dias ,  
Cheios de immensa gloria ,  
De prosperos successos , de venturas.  
Que o gelado Danubio ,  
Que de Berço lhe dar se desvanece ,  
Com a cerulea fronte  
De agudas Espadanas guarnecida ,  
De sangue rociado

O indomito Tridente ,

Inda virá hum dia

Avido de mais fama demandallo.

Apenas Amor ouve

Táo affavel resposta , as brancas azas

Tres vezes despregando ,

Aos ares se abalança ; mas o Tempo

Alçando a mão pezada

Pelo cordão da aljava o suspendia ;

E em quanto lhe tirava

Os dourados farpões , o cruel arco :

„ Estas cruentas armas

„ ImproPRIAS são , lhe diz , da tua idade ;

„ Para mim as reservo ,

„ Em premio das venturas , que prometto

„ Ao teu Weinholtz mimoso.

„ Veremos se este braço tambem sabe ,

„ Vibrando agudas settas ,

, Domar os corações. Agora vôa ,  
,, Em doce paz nos deixa ;  
, Deixa gozar o mundo de descanso ,  
,, Que tu , cruel , nos roubas. ,,  
Amor as leves plumas sacudindo ,  
Já livre do tyranno ,  
Batendo alegre as palmas , lhe dizia :  
,, Não cuides , cruel Tempo ,  
, Que meu invicto braço desarmaste ;  
,, Mais poderosas armas ,  
, Mais forte passador tenho nos olhos ,  
,, No Angelico semblante  
, Da formosa Bivar : Com elle posso  
,, A meu suave Imperio ,  
, A pezar do destino , ver curvado  
,, O teu rispido c ollo.  
, Então verei mil vezes sem receio  
,, Tornar tão feliz dia ;

„ Verei contar Weinholtz ditosos annos  
„ Em prospero socego  
„ Nos ternos braços da gentil Consorte.,,  
Ao Tempo assim responde  
Já sem temello ; Amor ; e o Velho irado  
N' um rigido penedo ,  
Que borda a ruiva praia de Caxias ,  
Rompeo a curva fouce.

*A' Restauração da Arcadia.*

## O D E XIII.

**S**oberbo Galeão, que o porto largas,  
Aonde o ferreo dente preza tinha  
A cortadora prôa, que rasgava  
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo torna nunca arado  
Dos fracos lenhos, que no Têjo surgem:  
Já ferve a brava chusma, e se levanta  
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas  
As vélas já de purpura desfraldão,  
Q' aos frescos sopros de hum feliz Galerno  
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira , que seguras ,  
Qual subito relampago fuzila ,  
E nas azas dos Ventos estendida  
Mostra a fatal empreza.

De branca espuma borbotões rebentão  
De hum lado , e oútro lado ; já boiando  
Sobre as verdes espadoas de Neptuno  
Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva  
Tua dourada magestosa poppa ,  
Trazer-te nos promette a salvamento ;  
Naufragios não recêes.

Não temas as inhospitas arêas  
De infames costas , de Hyperborios campos ;  
Pelas Cicladas , Bosphores , e Syrtes  
Has de romper constante.

Se as Alcioneas aves levantarem  
Em seu queixoso pranto triste agouro ;  
Não te assustes da nuvem carregada ,  
Que os máres escurece.

Grasnando negras Gralhas enfiadas  
Sobre os tópes , verás buscar a terra ,  
E logo o Ceo negar-te a escura noite  
Da fêa tempestade.

Mas não recêes os fuzís vermelhos ;  
O ruidoso trovão , que pelas aguas  
Em successivos brados estalando  
No fundo do mar sôa.

A destra mão que o leme te menea  
Fará , que avante passe , sem que amaines  
O largo panno : em vão Noto sibila  
Pela miuda insarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,  
Sem que as crespas correntes te atropellem  
Ao Pólo chegarás, aonde brilha  
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras Galeras,  
Forçando os débeis remos, com que açoutão  
O mar que lhe resiste, e que as affronta,  
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem  
A commetter o pélogo que surcas:  
Com damnados prognosticos agourão  
Desastrado successo.

Ora contão, que os máres infamaste  
Com vergonhoso misero naufragio;  
Que as fulminadas vergas rotas jazem  
Nas Cerauneas arêas.



Mas tu constante impavido triunfas ;  
E com louros no Ménalo cortados  
Enramaste ós riquissimos pavezes :  
A forte gente crôas.

Se os meus votos escuta o Ceo benigno ,  
Os votos , que por ti no porto faço ,  
Os olhos alongando pela esteira ,  
Que tu nas aguas abres ,

Não tornes a surgir em manso porto ,  
Que Lethes seja o seu famoso nome ,  
Que os peitos amollece mais briosos ,  
Que ao somno te convida.

Não se nutre a virtude do descanso ;  
Arduas emprezas , rispídos trabalhos ,  
Em nobre coração de immortal gloria  
Accendem claro lume ;

O claro lume , que apagar não podem ,  
Nem descarnada mão da triste Inveja ,  
Nem a fouce cruel do voraz Tempo ;  
Não chega a tanto a morte.

*Das Annos da Illustrissima, e Excellentissima  
Senhora D. Leonor de Almeida.*

## O D E XIV.

**C**ercado estava Amor de mil Amores  
As estridentes settas empennando ;  
De verde Mirto , de cheirosas flores  
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia  
Das crespas azas sem cessar batendo ,  
E qual concerta a aljava , e n'agua fria  
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros  
Os dourados farpões muitos provavão ,  
Outros mais insoffridos , e ligeiros  
Em bandos se espalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,  
Que só de ouvilla os montes estremeçam  
Os velozes Frecheiros convocando,  
Que promptos lhe obedecem.

C' um doce rizo, c' um celeste agrado,  
Que os ventos serenava, lhe dizia:  
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado  
De Alcipe o claro dia.

Foi hoje, foi que em seu gentil semblante  
Amanheceo a luz da formosura;  
Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante  
Rompeo a noite escura.

As lindas Graças, os feis Amores,  
As Virtudes gentís dos Ceos baixarão;  
E cantando as acções dos seus maiores,  
O berço lhe embalarão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão  
O tyranno poder da gentileza ?  
Humanos corações logo sentirão  
A liberdade preza.

As castas Musas cheias d'alta gloria ,  
A's aureas vozes derão tal doçura ,  
Que os louros não perdêrão da victoria ,  
Faltando a formosura.

Crescem co' a idade os raios seus brilhantes ,  
Que a fervidos suspiros não attendem ,  
A pezar de desejos anhelantes ,  
Q' em seu altar se accendem.

Mas tempo inda virá , que os innocentes  
Olhos formosos seus a nós volvendo ,  
Os cruentos virotes reluzentes  
Queira espalhar vencendo.

Em quanto a densa nevoa do futuro  
Nos rouba a luz de tão feliz instante ,  
Por mais que as azas mova o Tempo duro  
Intrepido , e arrogante ,

Da Illustre Alcipe bella o claro dia  
Pertendo assinalar com faustas glorias ,  
De nossos arcos o Destino fia  
O louro das victorias.

Alague o Mundo fino pranto ardente ,  
Voem suspiros , voem mil clamores ;  
Chovão por toda a parte de repente  
Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura ;  
E o Sol girando os seus Frizões ufanos ,  
Nos traga sempre cheios de ventura  
O dia de teus annos.

## O D E X V.

**N**As despidas paredes , que me abrigão  
No tormentoso Inverno ,  
A passagem do Grânico não vejo  
Em fina lã tecida.  
Nem marmores , nem porfidos luzentes  
Nos alizares brilhão :  
Não tine do Japão na parca meza  
A rara porçolana.  
O dourado saleiro não me cega  
C' os tremulos reflexos.  
De prata não se accendem mil bugias  
Em tortas serpentinas.  
Porém Virgilio , Sophocles , Homero ,  
O Venozino Horacio ,  
São as ricas alfaias , que me adornão  
A sala magestosa ,

Os soberbos escudos , em que pinto  
A geração illustre.

Elles fazem que Ansberto generoso  
Seu amigo me chame ;

Que o Sousa marcial com puro estilo  
Gracejando me escreva.

Guarde a terra avarenta nas entranhas  
O outro refulgente.

O Mineiro na roça afflicto cave  
C' os sordidos escravos .

Por ignotos certões exponha a vida  
Do barbaro Tapuia

A' setta venerosa , á veloz garra  
Do Tigre mosqueado.

Soffra na Linha podre calmaria ,  
Relampagos , e raios ;

Para n' Aldeia entrar acompanhado  
De descalços Trombetas ,



De purpureas Araras , inquietos  
Petulantes Bugios.  
Gaste prodiga a mão , em poucas Luas ,  
O ganho de dous lustros ;  
Para a vermelha Cruz brilhar ne peito ,  
Que os fardos incurvárão.  
No tugúrio paterno não cabendo ,  
Palacios edifica  
Alastrado com pedras o caminho.  
Do Guindaste as roldanas  
C' o pezo do venal Escudo gemem ,  
Que o Portico remata.  
Estupido não sabe , que apressada  
A pállida Doença  
Atrás d'elle caminha : que já chega  
Involta em parda nevoa ,  
A Morte inexoravel , derramando  
Co' a fria mão angustias ;

Que o leito de crueis fantasmas cêrca,  
E que lhe arranca às chaves  
Do guardado thesouro ; que o reparte  
Pelos rotos herdeiros.

E qual sangrado rio enfraquecido  
Torna a gastar-se em sogas !  
Com ouro não se compra hum nome digno  
Da posthuma memoria.

*Ao Padre Antonio Delfim.*

## O D E XVI.

**D**elfim , caro Delfim ! Com que ligeiro  
Lubrico pé , a curta idade nossa  
Nos vai atropellando ! As horas voão ,  
Os dias não socegão !

uaes horrisonos Euros insoffridos  
Varrem da longa praia a ruiva arêa ,  
Que nas humidas azas crespas ondas  
Indomitas revolvem.

ssim o Tempo cegador co' a fouce  
Daqui , dalli talhando a debil gente ,  
Lança no vasto golfão do sepulcro  
As pállidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,  
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,  
Co' a sonora navalha decotáras  
Ondados fios de ouro.

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz vestindo,  
Mostrando do Loreto no alto côro  
Inchadas do pescoço as cordoveas,  
Bradando salmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta:  
Ou cedo, ou tarde chega: todos devem  
Húmilhar a cerviz: Poltrões covardes,  
Colericos Achilles.

Com mão pezada abolla, talha, e rompe  
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;  
Por baixo do fraldão crava o buido  
Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo  
As fundas cavas , os merlões erguidos ,  
Assolando Cidades , e Provincias ,  
A toda a parte vôa.

Curvados anciões , môços esbeltos  
Córta co' mesmo gume : honras , thesouros  
Não lhe pégão no braço ; os altos tectos,  
Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' destro pente  
Mette em batalha juvenís cabellos ;  
De balde enrola o escaldado ferro  
Os martyres topetes.

O frio branco gelo , que não tarda ,  
Subito põe a marca da idade ;  
E poucaş alvas cans , o gésto mudáo  
Dos infeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentís Filenas,  
Todas fogem de vello ; todas fogem  
Dòs olhos sem pestana , regalados ,  
Das crespas sobranceilhas.

Os teimosos açaques , tristes dores ,  
Catastas são dos entrevados membros ;  
Froxos desejos morrem de garrote  
A's mãos da Hypocondria.

Não he preciso que venal profeta  
Aponte com o dedo para a cinza :  
Para velhos não ha melhor ca veira ,  
Que o vidro de hum espelho.

Só tu , Delfim , cansados annos contas ,  
Sem sinaes de velhice ; inda não ouves  
O tremendo pregão da Eternidade ,  
A trombeta da Morte.

obre o telhado teu não pouzão estes  
Passaros agoureiros , que bradando  
Com espantosos guinchos , annuncião  
A derradeira Aurora.

unca velho serás : livre de brancas -  
A deserta cabeça callejada ,  
Não se deixa trilhar das leves rodas  
Da carreta dos Annos.

em olhar para a méta da carreira ,  
D' Archimedes no ponto se está rindo  
Britanno Capitão , que submergido  
Em laudanos do Douro ,

marrando o timão , entrega a quilha  
Aos rijos ventos , aos cavados máes ;  
Não ouve as roucas vagas , que mugindo  
Os Póloş estremecem.

Venha , se quer , a pállida Doença  
A fria Morte pela mão trazendo :  
Não te espantes de foices , e relógios ,  
Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calva , que te mostre  
Onde as brancas estão ? Carão lustroso ,  
Olhos azues , rosadas faces , alvos  
Os crystalinos dentes,

São constantes sinaes da fresca idade ,  
São de força virís a taboleta ;  
E pródigo Colono , a sabia Morte  
Não colhe fruto verde.

Triste de mim , que pêco , e já maduro ,  
Nos grizalhos monêtes do topete ,  
Nas carcomidas perolas da boca ,  
Nas obstinadas rugas ;



Á vejo revoar os tristes Mochos ,  
Que são da fatal hora Miqueletes  
Cruel tristeza ! Mais crueis memorias !  
Perdidas esperanças !

Os filhos , e Mulher , tudo cá deixo ,  
Só levo na garganta atravessado  
O Venozino Horacio , a calva tua ,  
A Rainha das calvas.

*A morte de José Gonsalves de Moraes ,  
Socio da Arcadia.*

## O D E XVII.

**S**E em ricas urnas de ouro refulgente,  
Arcades saudosos ,  
As frias cinzas de Leucacio Fido  
Com as lagrimas nossas  
Não podemos guardar : em nossos versos ,  
Do Menalo nos troncos  
Seu nome escreveremos , seu bom nome  
Das Graças suspirado ,  
E das quebradas aguas deste monte  
Chorado , e repetido.  
Estremecem os Pinhos sacudidos  
Dos ventos , que sibillão :

O gado espantadiço se derrama  
Pelos crestados campos :  
Ao longe estão latindo roucamente  
Quebrantados rafeiros ;  
E em tão triste alarido nos parece ,  
Que das cortadas rochas  
O éco nos responde : Fido , Fido !  
Nas solitarias praias  
Bradando o negro mar , Fido responde :  
Por Fido nós chamamos.  
Aonde estão , Arcadia , os teus serenos  
Affortunados dias ?  
Quando vermelho o Sol atrás da serra  
O rosto de mil raios  
Formoso levantando , por teus valles  
Dourava alegremente  
As sonoras folhas inquietas  
Das faias levantadas ?

Alli , tocando a fistula divina ,  
    Que os Ventos escutavão ,  
De gado , e de Pastores rodeado ,  
    Senhor nos parecia  
De nossos corações , de nossos olhos ,  
    Do Menalo , da Arcadia ?  
Mas que fado cruel tanta ventura  
    Das nossas mãos arranca ?  
Que noite pavorosa está cubrindo  
    Os ares deste campo ?  
Que frio gelo prende as claras fontes ,  
    E córta a fresca relva ?  
Foges , foges de nós , Pastor amado ?  
    Nossas pobres cabanas ,  
Nossas frautas , e nossos doces versos ,  
    Acaso te aborrecem ?  
Trocas do manso Téjo , que te escuta  
    As margens deleitosas ,

Por asperos certões , por longos máres ,

Por férvidas aréas ,

Com que malignos climas te convidão ,

E invejosos te chamão ?

Ah triste Arcadia , triste , e desgraçada !

Que detestaveis erros

Contra o Ceo commettêrão teus Pastores ?

Que lugubre destino

A tão duro castigo te condemna ?

Sacrilegos erguemos

Com ímpia mão as campas respeitadas

Dos defuntos maiores ,

Para ás feras lançar os brancos ossos ,

Q' em santa paz descanso ?

As victimas divinas arrancámos

Dos sagrados altares ?

Ou que raio cahio sobre estes campos ,

Que mais a ver não tornão

O suave Pastor , o claro Fido ,  
Que víráo tantas vezes ?  
Maldito seja aquelle , que primeiro  
Fiou de curvos lenhos  
Avidas esperanças , sede infausta  
De enganozas riquezas !  
De marmore Marpezio ; rijo bronze  
Tinha o peito forjado ,  
Quem ruidosas vélas desfraldando ,  
Fugio do manso porto ,  
Sem de Africo temer a rouca furia ,  
Quando açoutando as ondas  
C' os negros Aquilões forte contende !  
As crueis tempestades ,  
Hyades tristes , cabos tormentosos ,  
E o pégo embravecido ,  
Ou intrepido , ou louco não temia !  
Os mortaes atrevidos

Nada julgação difficil ! Entregamos  
Nós mesmos os pescoços  
A' sanguinosa fouce , á mão pezada  
Da Morte inexoravel !  
Em soberbas columnas levantamos  
Magnificos Palacios :  
Nem que a riqueza , a honra , ou a vangloria ,  
Com refulgente escudo  
De rígido diamante nos pudessem  
Cobrir a fatal hora !  
Escondem frias loizas igualmente  
Os Sceptros , e os Cajados !  
Tudo deve acabar. Oh claro Fido !  
Em eterno socego  
Tua cinza descance ; a terra estranha  
Pezada te não seja :  
Se lá no monte eterno a que voaste  
Se escutão nossos versos ,

Em nossos versos ouvirás teu nome ,  
Teu nome cantaremos ,  
Para honrarmos os versos , que cantamos ,  
Para honrarmos a Arcadia.



## O D E XVIII.

**C**ercado de Pedreiros, de vorazes  
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,  
Que a bolça mé atassalhão, que esfaimados  
A feria me apresentão:

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,  
Daqui, dalli recrescem garatujas!  
Assestados canhões, que poderião  
Bater os Dardanellos!

Severo Rhadamanto, o çujo Mestre  
A postiga gadelha afasta, e puxa:  
E os encovados olhos revirando  
Alça o rol da madeira.

De balde o rosto viro ; e do medonho  
Espectro sanguinoso fugir tento ;  
Que Scylla mais cruel , o rol d' arêa,  
O beque me descoze.

Sibilantes petardos d' outra parte ,  
Co' tijolo me quebrão os ouvidos !  
Jornaes , carretos , cal , são mil pelouros ,  
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras  
Da vanguarda já rotas , e medrosas  
Nas andas inda mostra o grande Carlos ,  
Indomita constancia !

A' vista de soberbos Castelhanos ,  
Com poucas Tropas , com bisonha gente ,  
Sustenta Lippe a ruiva , e fresca nargem  
Do Téjo caudaloso !

Mas estes mesmos , ó Macbean amigo ,  
Se ante seus olhos vissem as carrancas  
Dos leões carniceiros , que me cárcão ,  
Voando fugirião.

Tu mesmo c' a Britanna artilheria ,  
Deixando botafogos , e espoletas ,  
E os dourados Rabões esporeando ,  
O posto lhe largáras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante ,  
Não ha tromba mais dura , que huma feria ;  
E se queres vencer os Alexandres ,  
Engenios , e Turennas ,

Não busques grevas , murriões , pavezes ,  
Põe-lhe diante o Mercador c' resto ,  
O Alfaiate , o Barbeiro , ou hum Alcaide ,  
Verás como desmaião.

E se ainda váos projectos commetterem ,  
De cruentas victorias nunca fartos ,  
Da-lhe o desenho de huma nova escada ,  
E dize-lhe , que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me  
Da boa companhia , que te cêrca :  
Tu , que escadas não fazes , passa alegre  
A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma  
Do suave licor do Rheno , ou Douro  
Te apresente sorrindo o fullo Same ,  
E tu vermelho bebe :

Bebe á saude da formosa Filis ,  
Do magnanimo Conde , a quem Neptuno  
Namorado de seu valor , lhe entrega  
O Sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz , que Marte tanto préza ,  
Da côva Porçolana que retine ,  
Co' a boiante colher tirem o doce  
Almo fervido Ponche.

E se do pobre Coridon vos póde  
Merecer compaixão a triste Historia ,  
Fazei-lhe huma saude , que lhe sirva  
Ao menos de Epitafio.

*Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

O D E XIX.

**Q**uantos , caro Pinheiro , noite , e dia  
Curvados sobre os Livros  
A triste vida gastão na esperança  
De huma vermelha Borla ,  
Da Vara , e da Golilha ? Honra que chega ,  
Já quando as cans alvevão  
Na myrrada cabeça. Quantos morrem  
Por freneticas Palmas  
De cruentas victorias ? Descorado  
No raso campo treme  
Com frio susto á vista do inimigo  
O misero Soldado :  
C' a musica mistura dos batidos,  
Horrisonos Tambores

Os ultimos suspiros. Pelos ares  
Pelouros assovião :  
C' tropel dos cavallos freme a terra :  
Do pó , e crespo fumo  
As enroladas nuvens escurecem  
O resplendor do dia :  
Isto aos Carlos agrada , aos Fredericos ,  
Eugenios , e Turennas !  
Em fragil lenho entregue a longos máres ,  
O Mercador avaro  
Luta co' a morte : rásção negros Austros  
As prenhes nuvens : brilha  
Entre a rouca saraiva , o retorcido  
Crepitante corisco :  
Estala a fraca verga , a rota véla  
Ondeando susurra :  
E a fome de ouro tudo faz mais dôce ,  
Que a livida pobreza !

Outro, com o martello, os cadeados  
Despedaça do cofre,  
Que do incansavel Pai o curvo arado  
Tirou da dura terra:  
Vai perdello n' hum dia, porque gosta  
De brincar com tres dados!  
Aquelle só se alegra, e se diverte  
C' as Belgicas pinturas:  
Sonha com Rafael, e Ticiano,  
Em quanto o astuto Adelo  
Na fragil taboa, com o dedo mostra  
A testa de Medusa.  
Este, n' alcantilada serra corre  
O Javalí cerdoso;  
Os sabujos Britannicos latindo  
No fundo valle assustão  
A quieta Pastora, que atordida  
Larga da mão o fusô.



Outro na rica meza rodeado  
De vorazes amigos,  
Em brilhantes crystaes, de Douro, e Rheno  
O rôxo çumo bebe;  
Té que dos altos cumes dos oiteirós  
Caia a nocturna sombra.  
Eu porém nada quero, nada estimo  
Mais que a dourada Lyra.  
Se os Pastores do Menalo sagrado,  
Se os loureiros d' Arcadia  
Os meus versos escutão, os meus versos  
Me separão do Vulgo:  
Na testa cingirei livre de inveja  
D' era frondente crôa;  
E com Lesbico Plectro, ou Venusino,  
Ferindo as aureas cordas,  
Arcadia cantarei: o patrio Téjo  
Attenda ao novo canto

Com a verde cabeça goteando  
Na Urna recostado.  
Se aqui chegar, que Rhadamanto pôde  
Negar-me o Nome Eterno?

*o Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

## O D E XX.

Que facil he com lapis, e compasso  
Desenhar no papel huma Cidade  
De cavas, e merlões circumvallada,  
Soberba, inaccessible:

Executar porém a grande Planta  
He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,  
D' Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,  
Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo  
Pela miuda enxarcia Africo, ou Noto,  
Que ferras todo o panno, que manobras  
Impavido, e prudente:

Se de longa experiencia aconselhado  
Não mandasses constante, que valêra  
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento  
Fragatas de cortiça?

Todos, todos clamamos, que se observe  
O que dita a Razão, e a Natureza,  
E as santas Decisões, que nos promulga  
A Catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro; mas vemos  
Lançar fumo o punhal, em sangue tinto  
Na mão do matador; vemos roubados  
Os sagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros  
Enganar pretendemos: falso gesto  
He o trunfo do jogo, da amizade  
Hypocrito verdugo!

a magnifica meza em crystaes ricos  
Trasborda a loura espuma do suave  
Vinho de Chypre : alegres convidados  
Ao grande amigo brindão :

evantão as reciprocas saudes  
Ternissimos colloquios ; mas depressa  
Esta Scena se muda , e da Discordia  
Rola o dourado Pomo.

elo arbitrio de Páris não se espera ;  
Nua a espada brilha , e fere : corre  
O sangue quente , e os cópos em pedaços  
Espalhados retinem.

Que mais faria o perfido Argelino ,  
Se c'o estreito Chaveco abalroára !  
Talvez que nelle achasse mais clemencia  
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaso nascidos  
Os homens fossem, não seria estranha  
A traição, o rancor, a triste inveja,  
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma  
No tyranno espectáculo de Circo,  
Esfaimado Leão lamber as plantas  
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!  
Enfadada de nós, de nós te ausentas!  
Abriste as brancas azas, que sonoras  
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,  
Ora sereno o vôo, ora apressado,  
Nos immensos espaços, onde girão  
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge : fica a terra  
A seu antigo cáhos reduzida :  
Mas , dentre as grossas trévas apalpando ,  
Eis se ergue o Fingimento.

Os candidos vestidos da Amizade ,  
Co'as negras mãos levanta aos torpes membros ;  
Nas fantasticas roupas disfarçado  
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem  
Os fingidos amigos : filho chamma  
O tyranno Tutor ao desfalcado ,  
E misero Pupillo.

E nesta tenra idade , fracas almas ,  
Almas em feios vicios atoladas ,  
Como podem guardar as leis austéras  
Da pávida Amizade ?

He facil ter de amigo o santo nome ,  
E sustentallo com civil aspecto ;  
Mas que ao chapéo o coração governe ,  
He Ethiope branco !

A lingua , que te salva , quando raia  
No vermelho Horizonte o Sol dourado ,  
Antes que a sombra caia dos outeiros ,  
Te insulta , ou te crimina.

Desastrados rafeiros , que só mordem  
Os pobres remendados ; porém vendo  
Os olhos fuzilar do roaz Lobo ,  
A cauda desenrolão.

Não se encontram Eurialos , e Nizos ,  
Castor , e Polux , Pylades , Orestes ;  
Nem para renascer a extincta raça  
Esperes nova Pyrrha.



mais facil he que Cadmo resemie  
Os dentes do Dragão , e que rebentem  
Da terra depravada , enfurecidos  
Armigeros Guerreiros.

## O D E XXI.

**C**Om que fervidos rógos imaginas ,  
Caro illustre Macbean , q' ao Ceo clemente  
Cansa hum Poeta ? Crê-me ; não lhe pede  
Magnificos Palacios.

De pouco se contenta ; não cobiça  
Do fulvo Téjo arar as ferteis margens ,  
Onde sonora freme a loura espiga  
Dos Euros açoutada.

Os rufos Touros , as malhadas Vaccas  
Dos campos Transtaganos não deseja ,  
Nem Indico marfim , ouro brilhante ,  
Nem pérolas do Ganges.

fouto beba o Mercador em taças  
De esmeralda , e safira o licor almo  
De Chypre , e de Falerno ; já que os máres  
Parece que governa.

apune tres , e quatro vezes rompa  
Cad'anno o Golfão : desfraldando as vélas  
Impavido commetta infames costas ,  
Inhospitas arêas.

ão lhe invejo a fortuna , pois me basta  
Passar a curta vida retirado  
Ná Fonte-santa ao som da clara vèa ,  
Urdindo novos versos.

ivina Providencia , tu bem sabes  
Quão pouco te molestão meus desejos :  
Não quero mais que ver na frugal meza ,  
De filhos rodeada ;

Hum limpo cópo , com que nesta grande  
Noite , só para mim prospero dia ,  
Possa alegre brindar aos faustos annos  
Do heroico São Vicente.

Com mais pouco se matta a crua fome ;  
Para fazer seu grande Nome eterno ,  
Ou pobre , ou rico viva , tenho a Lyra  
Do cantor de Venusa.

Em quanto , ó Conde , as bellicas virtudes ,  
Que herdaste de teus inclytos Maiores ,  
No regaço da Paz jazem tranquillas ,  
Preparo os Epinicios.

Tempo depois virá , que desferindo  
Em aurea Poppa as Lusitanas Quinas ,  
Arrazadas as aguas de Turbantes ,  
Te croem mil victorias.

negro sangue as armas rociadas,  
Arrastados trarão ao Luso Throno  
Os Mouros Capitães ; nas duras costas  
As rôxas mãos atadas.

As Estrellas então me consentirem  
Tuas acções cantar , da fria Morte  
Verei luzir a fouce , satisfeito  
Da gloria , e da fortuna.

*Aos Annos do Senhor José Carlos Mardel.*

O D E XXII.

**A** Penas hoje a somnolenta Aurora ,  
Entre as rosadas nuvens , que abafavão  
Da alcantilada serra os altos cumes ,  
Mostrava a manhã fresca :

Huma inquieta tropa de vendados ,  
Lindissimos Amores , se alojava  
Do fulvo Téjo na arenosa praia ,  
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes , malhas , grevas , e loricas  
Veste a soberba juvenil Phalange ;  
Dos aureos elmos com as torcidas plumas  
Zefiro empenna as azas.

o rouco som de horrisonos tambores ,  
Que n'uma , e n'outra margem retinia ,  
A brava gente ferve ; qual puxava  
A rapida columna ;

qual marcando reductos , e trincheiras ,  
Na ruiva arêa crava as aureas settas ;  
E qual levanta co' alvião pezado  
Merlões , e plataformas.

s tirantes de purpura atezando ,  
Outros arrastão sagres , falconetes ,  
Que em altas baterias assestados  
Afrontão todo o Mundo.

ntão Amor alçando a mão tyranna ,  
Onde a farpada ponta fuzilava ,  
Manda jogar os fervidos morteiros ,  
E rompe nestas vozes :

Esta alegre rezenha , companheiros ,  
A tão prospero dia he consagrada :  
Hoje a Mardel gentil as duras Parcas  
Fião dourados annos.

As rôxas ballas , que nos ares silvão ,  
Das bombas as sonoras espoletas ,  
As ruidosas granadas fulminantes ,  
Tudo seus annos louvão.

O bellico ruido aos mesmos astros  
Ensina a repetir seu claro nome :  
Os mesmos Astros , quaes seus olhos brilhão ,  
Scintillárão com elle.

Disse : e da terra subito levanta  
Dos horridos canhões o negro fumo ,  
Qual Encélado, montes sobre montes ,  
Ou nuvens sobre nuvens.



Mas eis que o cego Nume a Scena corre ;  
Não vi na liza arêa mais que o fumo  
De miser as entranhas palpitantes ,  
De corações feridos.

Que abraçados queixumes , que soluços ,  
Oh que doces suspiros , que soavão ,  
De maneatadas Ninfas , que rendidas  
Jazem no duro campo !

As linhas , os ramaes , as colubrinas  
Outra cousa não são mais que seus olhos ,  
Que seus olhos azues , alvo semblante ,  
Que seus louros cabellos.

Fugi , Ninfas , fugi daquelles olhos ,  
Nelles afia Amor seus passadores :  
Fugi , Ninfas , fugi , que seus cabellos  
São as Vulcaneas redes.

## O D E XXIII.

**P**Ois sabes, que nas margens do Mondego,  
Amor, que he grão Poeta,  
A cantar brandos versos me ensinava,  
Quando prezo me tinha,  
E victima chorosa as aras cruas  
Banhei 'c' o sangue quente  
Do roto coração, das rotas veias,  
Que abrião seus virotes:  
Não estranhes, Senhora, que os furores  
Do genio Sibyllino  
Me forcem a louvar o claro Dia  
De teus ditosos Annos.  
Ao santo Templo da immortal Memoria,  
Sobre as azas da Fama  
O desejo levar; quero que chegue  
Aos seculos futuros,

Cercado de relampagos , e raios ,  
Com que os Vates fulminão  
Da Inveja triste as assanhadas serpes ,  
Que em torno lhe sibilão  
Do livido semblante descorado ,  
Dos olhos furibundos.  
As estofadas Ondas somnolentas  
Do Lethes vagaroso  
Verão passar mil vezes tão bom Dia  
De estrellas coroados.  
Virão , como hoje vem , a teus altares  
Render devoto culto  
Os miseros amantes desmaiados ,  
Em suas mãos trazendo  
Inda quentes entranhas palpitantes ,  
E corações fumando.  
Outros Tyrses , e Elpinos namorados ,  
Outros Licidas Cintios ,

Prostrados erguerão queixosos Hymnos,  
Rasgando os mansos ares  
Com fêrvidos suspiros, com seu pranto,  
Que tu, Cruel, desprezas!  
Só não sei se haverá outra Silvandra,  
E que Vestal do Templo,  
No sonoro rebolo, o fatal gume  
Afie da bipenne,  
Com que desfeixa os golpes, nos solemnes,  
Cruentos sacrificios;  
Quando a gelada Victima estremece,  
E cerra os tristes olhos.  
Hoje porém, que tão alegre Dia  
Com farta mão derrama  
As delicias, prazeres, e fortunas  
Em toda a Fonte-santa;  
E nas espadas do ligeiro Noto  
As Graças, e os Amores

Com sonoro susurro andão voando  
A' roda desta casa ;  
Deixa , gentil Senhora , que se mude  
A Cithara soberba  
Em Avena campestre , e que te offreça  
Humilde rendimento  
De singela vontade , e sãoos desejos ;  
Huma pobre gallinha ,  
Hum alvo ganso , que muito ha que adeja  
Para voar tão alto :  
Ainda elle espera hum dia transformar-se  
Em constellação nova ;  
E co' as pennas das azas rutilantes ,  
No azul ethereo Assento  
Escreverá de Arminda o doce Nome ;  
Para ser entre os Astros  
De desejos , amores , e suspiros ,  
O Norte luminoso.

## O D E XXIV.

**E**M quanto o pobre Tyrse descansado  
Da Preguiça nos braços somnolentos ,  
C' a boca meia aberta a somno solto ,  
Ou ronca , ou se espreguiça :

Em quanto a torpe , e vaga fantazia  
Luctando com cançados pezadellos  
Em verdes bancas pinta as louras marcas ,  
Lhe mostra o az de copas :

Em quanto atado ao duro , e longo remo  
Da galé , com que surca fundos pégos ,  
Os calejados hombros dobra ao duro  
Arrebém de comitre :

Em quanto crê , que a Fonte-santa alegre ,  
Com sonoro ruído solta as aguas ,  
Só quando vê em seus quebrados olhos  
Amor tremer com frio :

Em tanto o bravo Elpino , qual o fulvo  
Famelico Leão da gran Nonacria ,  
Ataçalhando os pavidos rebanhos ,  
Traga famintos membros ;

Assim vem , assim vê , assim subjuga  
Rebeldes corações , que reduzidos  
A poucas cinzas , qual o debil fumo  
Em crespas núvens voáo.

De baixo já da planta vencedora ,  
Em frio sangue çujos palpitando  
Abjuráo de Mafoma , ou molle Tyrse ,  
A immunda torpe Seita.

Mas o pio Alexandre condoido  
Da orfandade das miseras cativas ,  
Nas ricas almofadas , barba , a barba ,  
Affavel as recebe.

Oh que doces , que lagrimas contentes  
Inundão negros olhos ! Que suaves ,  
Que fervidos suspiros retinindo  
Não voão pelo tecto !

Ah pobre Tyrse ! acode , que te pizão ;  
Que teus campos já roubão , talão , queimão  
Armados esquadrões d' outros Amores ,  
Amores invencives.



*Tradução de huns versos Inglezes, feitos a hum  
seu grande Pintor.*

## ODE XXV.

**O** Dourar amanhã ; do Sol , que nasce ,  
Derramar os reflexos ;  
Pintar á sombra do cerrado bosque  
A rapida corrente ;  
As ceruleas montanhas affastadas  
Mandar , que se levantem ,  
C' o vermelho horizonte confundidas ;  
Pela verde campina  
O rebanho espalhar , que anda pascendo ;  
Dos rachados penedos  
Fazer que desção caudalosos rios ;  
Que a criação formosa

Brote de baixo desta mão potente ;

He a grande tarefa ,  
Que só se atreve a descrever Sertorio.

Mas quando sazoados  
Apparecem os frutos de Pomona ,

A produção amavel  
Do fertil anno ; então a Natureza

Porque se vê vencida ,  
Se mostra envergonhada : ó pincel raro !

Do que o Sol , mais fecundo  
C' o doce toque os pomos faz maduros :

Do Paraiso pôde  
A memoria acordar ; dar-nos seus frutos

Sem segundo delicto.

D I T H Y R A M B O I .

**O**S brilhantes trançados enastrando  
 Com verde mirto, com cheirosas flores,  
 Nos lindos olhos vivo rutilando

O doce lume

Do cego Nume,

Alvas donzellas,

A quem vos ama,

Da crespá rama,

Que Bassareu

Ao Mundo deo,

Co' as brancas mãos no cópo crystallino

Lançai ligeiras

Louro Falerno, rubido Sabino;

Eia, voai

Deitai, deitai;

Gró gró , tá tá ,  
Que cheio está :  
Ora brindemos  
As gentís Graças , castos Amores :  
No mar lancemos  
Rixas , tristezas , mágoas , temores.

Mas de coradas nuvens , affumados  
Vejo em torno girar os negros montes :  
Candida espuma  
De purpureas fontes  
Ferve , e se enleia  
Na crespá veia ,  
Com que o ribeiro  
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas ,  
Das balsas espinhosas ,

Mil capripedos Satiros auritos ,

E mil Faunos brincões ,

Já vem saltando ,

A terra c' o ruidoso pé trilhando.

Sincinnas corêas ,

Bistonidas feas

Fórmão bradando

Evoé , Saboé :

Amores inspira :

O doce Leneo ,

Amores bebamos ,

Do peito lancemos

Os sustos , temores ,

Nos cópos já temos

As Graças , Amores.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé ,

Evan Bassareu.

As férulas protervas coriscando,  
Entre as cervinas pélles maculosas  
Derramão brilhantes  
Tremulas estrellas,  
Sobre as soltas bellas  
Fulguricrinantes  
Tranças pampinosas  
Das thyrsigeras Thyadas raivosas,  
Corycio escutando  
O frigio clamor,  
Está ululando  
Com triste fragor.

Sobre o prado ameno  
Tremilhicando o pávido Sileno,  
Do Ebrifestivo côpo que trasborda  
Pela micante borda  
Deixa entornar, com rubicundo rosto,  
O cheiroso rubi, o quente mosto:

Encrespou o nariz , e sacudindo  
Os humidos bigodes , ficou rindo.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé ,

Evan Bassareu.

Com Tyrso potente ,  
Em carro luzente  
De Tigres puxado ,  
Dourando este dia ,  
Desterra o cuidado ,  
E trazê alegria.

Evoé.

O' Padre Lyeo.

Saboé ,

Evan Bassareu.

Os cópos brilhantes  
O bom Nictileo  
Em brindes retinem,  
E Amor adejando  
Co' as azas rorantes,  
Se está mergulhando  
Em ondas brilhantes.

Evoé.  
Ó Padre Lyeo.  
Saboé,  
Evan Bassareu.



*Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva ,  
Socio da Arcadia.*

## D I T H Y R A M B O .

**B**acco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;

Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta  
Bacco, Bacco, evoé.

Mas que fazes? Não ouves, Olha, escuta  
O estrepito sonoro,  
Da confusa Thymele.

Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta  
Bacco, Bacco, evoé.

Os olhos tens chorosos; somnolento,

Estupido o semblante; rubicundas,

E quentes as orelhas;

O nariz frio; os braços pendurados:

Cambaleas? Tu cahes? Elpino, cahês :  
Ah ! Já sei : os symptomas bem conheço,  
Opprime-te a ambrozia :  
Nada-te o coração no licor forte ,  
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo , acode , acode ,  
Acode ao teu Elpino :  
Bacco , Bacco , evoé.

Vem , vem , ó Dithyrambo , se as alegres ,  
Crepitantes Lenêas te não prendem ,  
Se affogado do fumo dos legumes ,  
Os olhos esfregando as ventas torces ;  
Vem , vem , q'eu te prometto  
(Por esta taça o juro)

Devoto celebrar as anthesterias :  
Vem , vem Bacco , evoé.

Mas que ouço ! Escuta , Elpino :

Ouço ao longe ranger os parafusos  
Dos cheirosos lagares !  
Descendo pelas roscas grita avara ;  
Bom sinal , evoé.

Vejo , por entre chuvas de bagaço  
Hum vulto pelos ares vir batendo  
Compridas azas ; mas não tem cabeça ,  
Não tem pés , não tem mãos :  
Ah ! já na terra pouza :  
Vamos Elpino ver ; hum Odre , hum Odre !  
Es tu Bacco , evoé.

Elpiño , toma , bebe  
O valente elexir , que nos restaura  
Das passadas fadigas ,  
Que aqueuta os frios membros ,  
Que faz vermelho o velho descorado ,

Que alegre a mocidade,

Que o somno concilia.

Elpino, toma, bebe:

Bacco, Bacco, evoé.

## SATYRA I.

**C**oridon , Coridon , que negro fado ,  
Que frenezi te obriga a ser Poeta !  
Que esperas de teus versos ? Ainda esperas  
Pelos antigos seculos dourados ,  
Quando achavão Mecenas bons Engenhos ?  
Não sabes que das Musas Portuguezas  
Foi sempre hum Hospital o Capitolio ?  
Viste já , que seis Urcos arrastassem  
Em douradas Berlindas hum Poeta ?  
Não escreve Luziadas quem janta  
Em toalhas de Flandres ; quem estuda  
Em Camarins forrados de Damasco.  
Quanto mais que esses versos q' assoalhas  
São trovas , de que os doudos escarnecem ,  
Sem que lhes valha o titulo estrondoso

Com que talvez pertendes baptizallos :  
Odes lhes chamas tu ; elles murmurão  
Não sei de que palavras ; outro dia  
Me disse Fabio o douto , o longo Fabio ,  
Que destes bolos o chavão não tinhas ;  
Que no *Alcaide* fallaste , e nos *Bugios* ,  
Nos *descalços Trombetas* ; termos chulos ,  
E vedados a melicos cantores.  
Pois hum Matuzio , o fallador Matuzio ,  
Que inda mais livros lêo de quantos teve  
Ptolomeo , e conserva o Vaticano ,  
Nesta mesma bigorna lá de longe  
Co' a pezada cabeça te martella :  
Que furia te tentou com tal *Alcaide* ?  
Antes Tribuno , ou já Lictor dissesses ,  
E se sabes Francez *Sergent* , sería  
Enfeitar o teu cepo mais á moda :  
Mas tu não fallas ? Callas-te ; que dizes ?

Que hei de dizer , Calpurnio ! Que já cedo  
Como Horacio aos prestigios de Canidia ,  
Que aos mãos te dou a ti , e aos bons Letrados  
Licurgos , e Ulpianos de palavras ,  
Com que me allegas , com que me intimidas.  
Que alegre borrarei o nome de Ode  
Dos versos meus , que por desastre v'irão :  
Feliz eu , se consigo com dous rasgos  
Da penna , que maneo tão ligeiro ,  
Escapar aos Malsins que me pesquizão.  
E não fora melhor que te deixasses  
De huma Arte desgraçada , que os prudentes  
Já calvos Salamões , Padres Conscriptos  
Aborrecem , desprezão , e condemnão ?  
Almotacel que queiras ser de hum Bairro ,  
Excluido serás sendo Poeta.  
Antes de ti se diga , que perdeste  
O dote da mulher , o pão dos filhos ,  
Porque Gelonio teve quatro d' honras.

Antes de ti se diga , que roubaste  
Ao pobre caminhante dez cruzados ;  
Que violaste as Vestaes ; que em vão juraste ;  
Que es Bruxo , Delator , q' es hum falsario :  
Tudo o tempo consome , tudo esquece ,  
Tudo dourão riquezas ; mas Poeta !  
He furia sem remedio , he cão damnado ,  
Todos o apupão , todos o apedrejão.  
Tu andas pelas ruas mui contente  
Com teus grandes canhões impertigado ,  
Inda que baixo , e fusco , vas cuidando  
Que reparão em ti , que todos dizem ,  
Com o dedo mostrando a má figura :  
Eis o grandio Poeta , que nos trouxe  
A galante invenção de versos soltos ,  
O contagio das Odes , que atrevido  
Quer extirpar a seita dos Sonetos.  
Mas quanto Coridon , quanto te enganas !  
He certo que te apontão ; mas bradando :



„ Lá vai o novo Horacio author da Ode „  
*Varra o crédor soberbo a pobre casa*  
*C' o desabrido Alcaide*, circumspectos  
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*  
Poem as mãos na cabeça. Clamão que Odes  
Nunca vírão com termos tão rasteiros ;  
Pensamentos , que forão condemnados  
Nos rusticos escolios de Lucilio.  
Basta , Calfurnio meu , ante os Juizes ,  
Que tão boa sentença proferirão  
Quizera retractar-me , e te prometto  
De abjurar o estilo que seguia.  
Buscarei novas frases , novos termos ,  
A lingua fallarei de Palainhos :  
As minhas trovas , meus humildes versos ,  
Eu te juro , que nunca mais lhes falte  
O sonoro zão zão dos consoantes ,  
Magestosas idéas Sybillinas ,  
E outros taes atavíos , com que arreão

Suas composições esses bons mestres.  
Mas tu que tens a dita de pizares  
O Portico sagrado de outra Athenas,  
Que es Estudante, e foste preservado  
Da culpa original da pobre Arcadia,  
Descendente do Adão do grande monte,  
Que larga as cans de prata no Mondego;  
Por Ancião famoso, e conhecido,  
Vai, e por mim o Oraculo consulta,  
Pergunta se tambem o Venuzino  
Clara Estrella polar, o velho Horacio  
Errou na opinião desses Cujacios,  
Quando chamou sem pejo dentro em Roma  
Ante a face de Augusto, em suas Odes  
Garridos Espadões, a mil Eunúchos.  
Ao bom Afio chamou vil usurario;  
A Mevio fedorento; Mastim a outro,  
Bruxa a Canidia; se varou em terra  
Seu baixel alteroso, quando disse

De hum mío liberto, prodigo, e soberbo,  
Que fora do Verdugo c' o azurraque.  
Nas costas fustigado até incharem  
Ao gritador Porteiro as cordoveias  
Do vermelho pescoço que suava.  
Não te fallo na velha deshonesto,  
Que os falsos arrebiques lhe cahião  
Pelo verde semblante descorado,  
Como o vermelho barro no alto monte  
Em laivos se derrama, quando a chuva  
Principia a correr em enchorrada.  
E para, Coridon, que nessas Odes  
As palavras que allegas são Latinas;  
Ego póde em Latim dizer-se *Preco*,  
Porteiro em Portuguez he condemnado.  
E para, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,  
Que nem me lembro já de taes Doutores:  
Qual o grande rafeiro, que seguindo  
O dono vai, sem reparar nos fracos,

Insolentes cachorros da Cidade ,  
Que ora lhe ládrão , ora lhos assulão ,  
Mal lhe volta o facinho arreganhado ,  
E o lizo agudo dente que branqueja ,  
Qual a fouce da Morte os intimida.  
Justo porém será que tu lhes digas ,  
Que varra cada qual sua testada ,  
Que assás borbulhas tem para coçar-se.  
Que seus versos não leio , que não leião  
Elles os versos meus , Odes , ou trovas ;  
Não lhes quebro os ouvidos , não os canso  
C' a importuna lição dos meus Poemas :  
N' Arcadia os leio ; alguns de seus Pastores ,  
A quem verde era cinge , e adorna a fronte ,  
Pejo não tem de lellos , e approvallos.  
Que se guardem de mim , porque se peço  
Ao campeão de Apulia a longa espada ,  
Com que fendia as costas dos Romanos ,  
Nem a maldita fama bolorenta

De seus célebres Nomes esquecidos,  
Illésa deixarei ; serão cantados,  
E fabula do dovo em toda a idade.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde  
de S. Lourenço.*

## S A T Y R A II.

**N**ão posso , amável Conde , sujeitar-me  
A que ás cégas se imitem os Antigos ;  
Quero dizer , aquelles Portuguezes ,  
A que hoje chamamos Quinhentistas ;  
O bom Sá , bom Ferreira , o bom Bernardes  
Forão grandes Poetas ; qualquer delles  
Foi discreto , e foi sabio ; em fim as Musas  
Lhe embalarão o berço , e lhe cobrirão  
Com murta , e com loureiro a sepultura ;  
Mas nem por isso os pobres escaparão  
A' culpa original : tem suas faltas ,  
Tem seus altos , e baixos , tem sedeiros ,  
Onde dá c' os focinhos hum Pedante ,

Que vá por onde for ha de seguillos ,  
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem ;  
E seja bom , ou máo , isso que importa ;  
O ponto está que o diga algum daquelles ,  
Que Craesbeeck imprimio : ha maior teima !  
As Graças são muchachas , são rizonhas ,  
São faceis , são suaves : elles querem  
A' força pôr-lhe brancas , e bigodes ,  
E não lhos sabem pôr : que he o que eu digo ?  
Imitáo o peor ; mas não imitáo  
Os versos mais canoros , e correntes ,  
A sizuda dicção , a frase pura ;  
Aquelle Atico sal , que não conhece  
Quem nunca vio o Portico de Athenas ,  
Se quer em caixas opticas pintado ;  
Isto he , Anacreonte traduzido ,  
Aristophanes , Sophocles , e Sapho :  
Sem que fique de fóra o bom Homero ,  
E outros , em que poder não teve a morte .

Para imitares tu , Senhor , os feitos  
De teus claros Maiores , necessitas  
De calças , e gibão ? Se hoje sahiſſes  
Com jaquete , e golilha ; quem seria  
Tão sério , e tão sizudo , que pudesse  
Conter o rizo ? Nada te valêra  
Responder-lhe gritando , que imitavas  
Os distinctos Avôs , que dos Noronhas  
A Prosapia exaltárão generosa  
Nos seculos passados : Todos sabem  
Que o valor não consiste nos vestidos ,  
Antes seguem as modas. A virtude  
Assiste com socego inalteravel  
Nos grandes corações : Ora esta regra  
Corre a nivel d' altura do Parnaso.  
Imite-se a pureza dos Antigos ,  
Mas sem escravidão , com gosto livre ,  
Com polida dicção , com frase nova ,  
Que a fez , ou adoptou a nossa idade.



Ao tempo estão sujeitas as palavras ;  
Humas se fazem velhas , outras nascem :  
Assim vemos a fertil Primavera  
Encher de folhas ao robusto tronco ,  
A quem despio o Inverno desabrido.  
Mudão-se os tempos , mudão-se os costumes :  
Camões dizia *imigo* , eu *inimigo* ;  
O ponto está que ambos expliquemos  
Aquillo que pensamos : a energia  
Do discurso , e da frase não consiste  
No feitio das vozes , mas na força :  
Salvo conforme aos Garrulos Trovistas ,  
Que não te chamão justo , sem chamar-te  
Ou robusto , ou augusto ; inda que sabio  
Detestas a lisonja. O raro Apelles  
Rubens , e Rafael , inimitaveis  
Não se fizerão pela cor das tintas ;  
A mistura elegante os fez eternos.  
Quem não percebe bem este segredo ,

Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo :  
Que muito, se não ha discernimento,  
E reina a affectação ! Vejo Pedantes  
Trepados em Cadeiras, descompondo  
Os mais honrados Cidadãos de Athenas,  
Sem razão, nem vergonha : e vejo gente  
Prudente, e sábia embasbacar nos gestos  
Do Mono petulante. Muito póde  
A opinião, a teima, ou o capricho !  
E o Pedantismo póde mais que tudo ;  
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade ;  
E em sabendo servir-se da lisonja,  
Vôa por esses ares, sóbe ao cume,  
Ondé a vaidosa Idéa ergueo o Templo  
Da fantastica Fama. Alli se abraça  
A Soberba, e a Vaidade c'o a Preguiça :  
Vive a Ignorancia alli, dalli pertende  
Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo ?  
Que furor atrevido me arrebatã ?

Que Demonio me inspira alegorias,  
Sem permissão do Tribunal Censorio  
Dos Criticos modernos? Não he moda  
Hum Estro nobre; tudo está mudado:  
Ha Pragmatica nova, estreitas regras,  
Que obriga a jejuarmos, Poesia,  
Tão longa quarentena; e não me espanta  
Ver Poetas mirrados, se a abstinencia  
Das Clausuras fugio para o Parnaso.  
Os nobres Portuguezes, Christãos velhos,  
Acaso são Gentios, como forão  
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,  
Para inventarem cousas inauditas?  
Fabulas novas? Bastão as pinturas  
De quatro bagatellas: huma fonte,  
Hum bosque, hũ rio, hũ campo, hũ arvoredo,  
Hum rebanho de cabras, dous Pastores  
Com cajado, e surrão; huma Pastora,  
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa?

Quem pôde fazes mais ? Que nos importa  
Que o verso seja frouxo , ou deslocado ,  
Sem Grammatica a frase , sem pureza ,  
E sem graça a dicção ; ou em fim tudo  
Sem connexão , sem ordem , sem juizo ?  
O caso está que lembrem as pedrinhas  
Lá no fundo do rio , sem que esqueça  
A gaita do Pastor , nem os abraços  
Da simples Pastorinha : e que as palavras  
Sejão humildes , velhas , e caducas ,  
Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!  
Se isto he ser bom Poeta , bom Poeta  
Eu o prometto ser em pouco tempo.  
Mas tu , Senhor , bem sabes quanto custa  
Ser fidalgo da casa do Deos louro :  
Não se compra a dispensa com dinheiro ,  
Nem vale ter o Pai no Desembargo ;  
Mas he preciso grande genio , longo ,  
E escolhido estudo ; ouvir a todos ,

Seguir a poucos ; conversar c' os mortos ,  
Quero dizer , c' os livros todo o dia ,  
E toda a noite ; alli se faça branco  
O cabelo , que foi ou preto , ou louro.

---

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

---

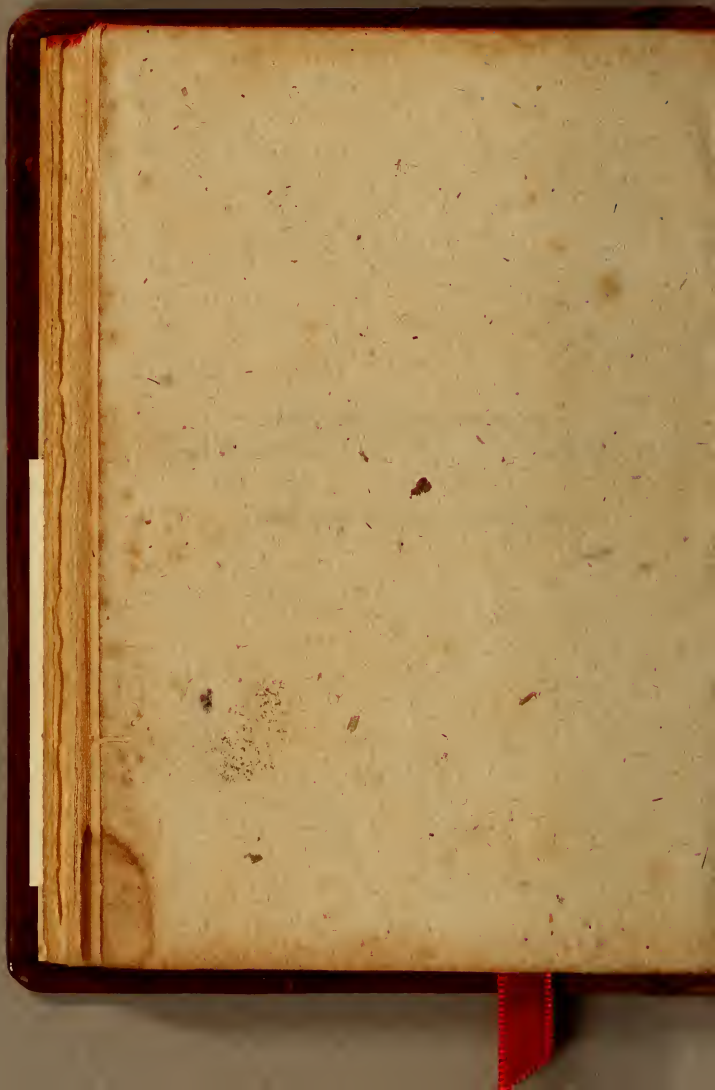
03-45

---

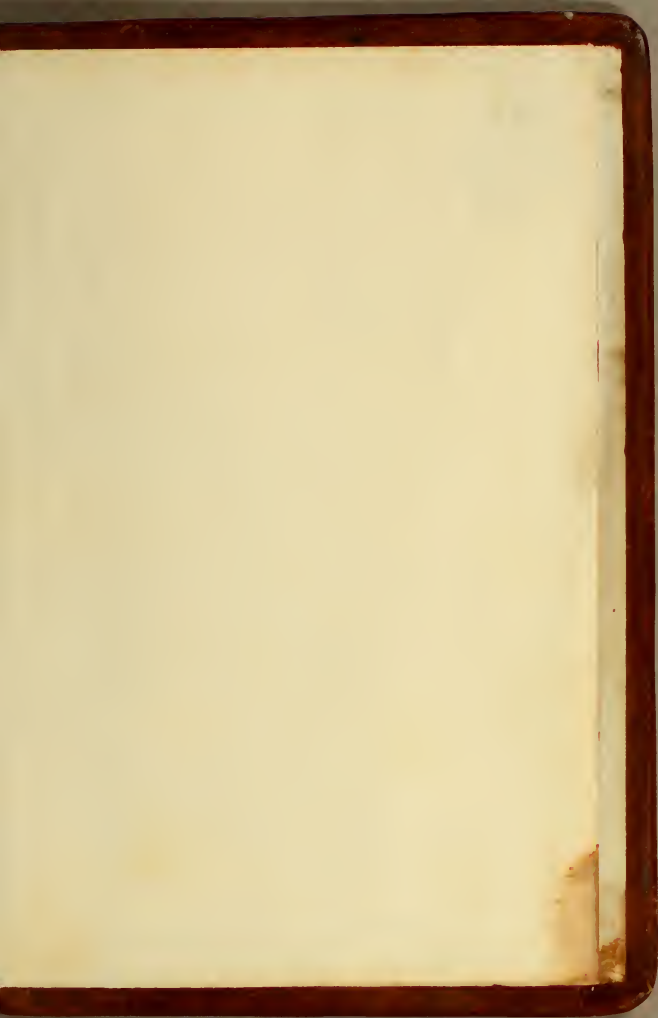
*Vende-se em Casa de Paulo Martin Filho , na  
Rua da Quitanda N.º 34.*

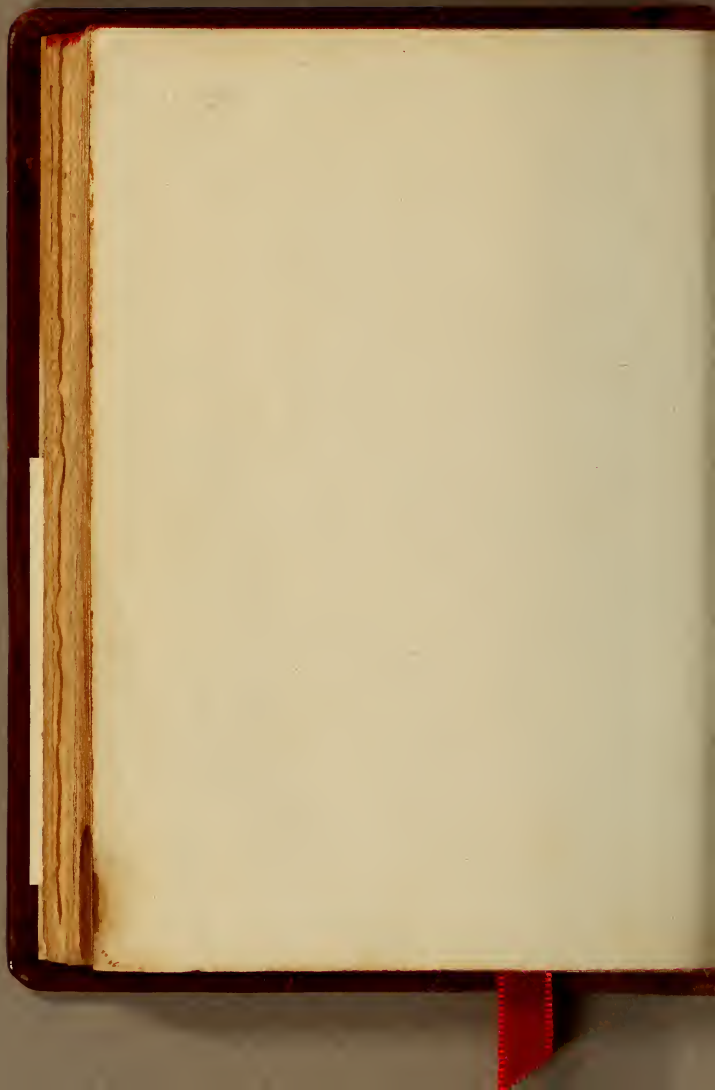
---











C812

G215e

v.1

